



A
Poética
DA RUA

Centro de Pesquisa para o
Teatro de Rua Rubens Brito

**se fugir o bicho pega,
se ficar o mundo come!**





APRESENTA

DIA BENEDITO

se fugir o bicho pega,
se ficar o mundo come!

Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito - 2013/2014

Coordenação geral: Marcos Pavanelli e Simone Brites Pavanelli

Coordenação de pesquisa e dramaturgia: Calixto de Inhamuns

Núcleo de atuação e criação: Beatriz Barros, Jéssica Duran, Lucas Branco, Marcelo Roy, Mizael Alves, Otávio Correia, Sabrina Motta e Tiago Cintra.

Direção: Marcos Pavanelli

Assistente de direção: Simone Brites Pavanelli

Direção musical: Charles Raszl

Assistentes de Direção Musical: Otávio Correia e Mizael Alves

Percussão: Luiz Bastos

Desenho de som: Otávio Correia

Danças Brasileiras: Karla Magalhães

Palestrantes convidados do CPTR: Luiz Carlos Checchia, Luiz Scapi, Juliano Espinho, Keã e Vitor Pordeus

Figurinos: Marcio Rodrigues e Cleydson Catarina

Assistentes para figurinos e adereços: Beatriz Barros e Simone Brites Pavanelli

Produção: Cristiane Accica e Simone Brites Pavanelli

Projeto Gráfico: Maurício Santana

Comunicação visual/ elaboração e manutenção do site: Sabrina Motta

Revisão das publicações do CPTR: Taiguara B. de Oliveira e Danielle E. F. Maciel

Audiovisual: Fernando Mastrocolla e Taiguara B. de Oliveira

Agradecimentos

Adailton Alves, Adriana Victorelli, Ana Maria, Andressa Ferreira, Antonio Carlos Peixoto (em memória), Augusto Brites, Babalú, Bainawá, Calixto de Inhamuns, Carlos Biaggioli, Ciléia Biaggioli, Claudia Victorelli, Daniel Gregório, Dirceu da Silva, Edson Paulo, Fabiano Lira, Irmã Miriam, Julio Leão, Juliano Espinho, Juninho Cendro, Karla Magalhães, Keã, Kelly, Laiz Corrêa, Luiz Bastos, Leonardo Carvalho, Luiz Carlos Checchia, Luiz Scapi, Marcos Brites Pavanelli, Marcelo Americano, Marcos Borges, Maria Sendro, Marisabel Lessa, M. Marry, Milton Carlos da Silva, Nai Lopes, Osmar Felipe, Osvaldo Pinheiro, Paula Barros, Priscila Pamela, Romisom Paulo, Rosa Motta Peixoto, Sancler, Selma Pavanelli, Sidney Herzog, Tatiane Aragão, Thamara Fernandes, Teresa Brites, Valdelice Alves, Vitor Poeta Benevento, Vitor Pordeus

Buraco d'Oráculo, Cia Estável de Teatro, Cia Estudo de Cena, Cia de Rockocóz, Cia dos Ventos, Coletivo da Albertina, Grupo Folclórico Filhos de N'Zambi, Grupo Mistura da Raça, Grupo Sanza, Grupo Filhos da Quadra, Grupo Veteranos da Catira Martins, Tenda Paulo Freire, Trupe Olho da Rua e Trupe Lona Preta.

Igreja de São Sebastião, Escola Professor Ker Nogueira, CICAS, Coletivo Verde, Colégio Maria Paula, Colégio Luzia de Godói, Deba's Bar, GEAMADO, Grêmio Esportivo Vila Harding, UBS Jardim Romano e Restaurante Costa e Costa.

A
Poética
DA RUA



A Poética da Rua
Caderno 5 :: 2013/2014

Publicação

Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo.
Centro de Pesquisa Para o Teatro de Rua Rubens Brito.

Coordenação Geral/Edição

Marcos Pavanelli, Sabrina Motta e Simone Brites Pavanelli.

Coleta de Materiais

Beatriz Barros e Sabrina Motta.

Projeto Gráfico/Diagramação

Maurício Santana | PowerBlack (com.br).

Revisão de Texto

Taiguara Belo de Oliveira e Danielle E. F. Maciel.

Textos

Adailton Alves, Brava Companhia, Caio Dezorzi, Cia. Estudo de Cena, Cia. Humalada, Daniela Giampietro, Grupo Teatral Parlandas, Hamilton Leite, Herculano Dias, Jessica Duran, Letícia Carvalho, Lucas Branco, Luiz Carlos Checchia, Marcelo Palmares, Marcos Pavanelli, Maria Josevânia Dantas, Nativos Terra Rasgada, Paula Cortezia, Sabrina Motta, Simone Brites Pavanelli, Thiago Reis Vasconcelos e Tiago Cintra.

Tiragem

1.000 exemplares.

Gráfica

Bartira.

Papel

Couchê Fosco.

Impressão

outubro/ 2014.

A Poética da Rua/ Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo n. 5 (2014) – São Paulo

Anual

ISSN: 2317-1383



SUMÁRIO

09	Apresentação
10	Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito - 7 anos!
16	Uma reflexão sobre o riso e as amarras sociais
18	O Básico do Circo - 15 anos!
20	O movimento de uma nova montagem
23	Ocupações culturais nascidas das comunidades para as comunidades
24		• Instituto Pombas Urbanas - 10 anos de ocupação e arte em construção, por Pombas Urbanas - Cidade Tiradentes - Zona Leste/SP
27		• Sacolão das Artes, por Brava Companhia - Pq. Santo Antônio - Zona Sul/SP
29		• CDC Vento Leste, por Paula Cortezia - Cidade Patriarca - Zona Leste/SP
31		• Hospital Psiquiátrico São Pedro - por Hamilton Leite - Porto Alegre/RS
33	Um grito necessário: <i>Aqui não, Senhor Patrão!</i>
36	Pé na Estrada
37	Organização política dos grupos de Teatro de Rua nos âmbitos municipal, estadual e federal
37		• Movimento de Teatro de Rua de São Paulo
40		• Um relato descartável acerca do I Encontro Estadual de Teatro de Rua
42		• Rede Brasileira de Teatro de Rua - Manifesto por uma arte pública
50	De junho a junho: O que as jornadas de 2013 nos ensinam para 2014?
56	Movimento Escambo - Nordeste do Brasil
60	Carta de Campo Grande
62	Teatro de Feira! Teatro na Feira! E até Feira de Teatro!
63		• Feira de Arte Pública - Núcleo Pavanelli/SP
66		• A Feira de Teatro de Rua de Sorocaba/SP
68		• Feira de Opinião ou Mutato Nomine de te Fabula Narratur - Cia. Antropofágica - Zona Oeste/SP
71		• Teatro na Feira - Guerras desconhecidas na Barraca de Cena - Companhia Estudo de Cena - Zona Leste/SP
73	Apoteose da Arte Pública
75	Pra mostrar que resistimos sempre!
75		• Mostra da Paz - Cia. Teatral Parlandas - Itaquera - Favela da Paz - Zona Leste/SP
77		• Mostra Beijola - Cia. Humalada - Jardim Primavera - Zona Sul/SP
78		• Cena Vermelha - Cia. Teatro dos Ventos - Osasco/SP
80		• Mostra 1º de Maio - Cia. Estável de Teatro - Bresser - Zona Leste/SP



IV Feira de Arte Pública / CICAS, São Paulo, 2014 / Foto de Julio Leão.



Feira de Arte Pública/ CICAS/2014. Foto de Júlio Leão

Apresentação

E o espetáculo não pode parar!

O Núcleo Pavanelli não parou!

Nesta 5ª edição da revista *A Poética da Rua*, uma publicação do Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito, contemplado pela Lei Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, na 23ª edição, estamos comemorando o aniversário de 7 anos do CPTR e, por antecipação, os 15 anos do espetáculo *O Básico do Circo*.

Trazemos, assim como nas edições anteriores, as principais ações do grupo em 2013/2014, como a circulação de espetáculos, realização de oficinas, as Feiras de Arte Pública, a pesquisa e montagem do espetáculo *Dia de Benedito, se fugir o bicho pega se ficar o mundo come!*.

Ainda em continuidade a linha editorial que vínhamos seguindo, *A Poética da Rua* traz matérias relacionadas ao teatro de rua de todo o Brasil, sua forma de organização política em movimentos, ações, como mostras e feiras que os grupos organizam, e abrimos espaço também para uma reflexão sobre junho de 2013.

Mais uma vez, esperamos que os grupos de teatro de rua se reconheçam nesta publicação e que ela contribua para o registro desse período histórico e possa ser consultada por gerações futuras.

Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo

Marcos Pavanelli¹ e Simone Brites Pavanelli²

Em novembro de 2014 o Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito comemora sete anos de resistência em um conjunto de práticas que se estendem para além da cidade de São Paulo, onde é sua sede.

Mas, se é possível algum tipo de metáfora em relação a um espetáculo teatral, podemos dizer que o ano de 2006 foi como um prólogo ou cena zero do CPTR - Rubens Brito³, que aconteceu na cidade de Santos durante oito meses em parceria com a Oficina Cultural Pagu.

Naquela época pensávamos a necessidade de um local de pesquisa específico para o teatro de rua, e que estivesse mais focado na prática do que na teoria. Com esse propósito o Núcleo Pavanelli foi contemplado com o Prêmio Funarte/Myriam Muniz, em que parte deste projeto incluía a realização do Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua da Baixada Santista. O grupo coordenava e ministrava aulas para atores e não atores, juntamente com outros profissionais (circo, partitura do ator, percussão, *commedia dell'arte*, musicalização e a finalização com apresentação de cenas na rua). Oferecia ainda algumas palestras abertas para o público. Nessa época, Rubens Brito, ou Rubinho, participava deste projeto como apoiador e palestrante.

Foi dessa primeira experiência que, da parte do grupo, surgiu a necessidade da criação de um Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua que atendesse também às suas demandas e necessidades de pesquisa, que eram diferentes entre atores iniciantes e não atores.

Em São Paulo, contemplados pela primeira vez pela Lei Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, em novembro de 2007, demos início às primeiras atividades do CPTR com uma palestra de Licko Turle⁴, sobre a formação do ator, e uma oficina aberta, na oficina Cultural Amacio Mazzaroppi, com o diretor teatral Amir Haddad⁵ e o grupo Tá na Rua. O projeto previa uma série de palestras e oficinas, sendo que essas últimas iriam selecionar cinco atores para participar da nova montagem do grupo baseada em Pedro Malazartes. As oficinas tinham como foco a preparação do ator (circo, danças populares brasileiras, musicalização e percussão) e eram realizadas no CUCA (Circuito Universitário de Cultura e Arte da UNE) e na sede do grupo, no bairro de Santa Cecília. Também demos início a um grupo de dramaturgia de teatro de rua, coordenado por Calixto de Inhamuns⁶. Além desse conjunto de ações que buscavam a verticalização do trabalho do ator, diretor e dramaturgos, também pensávamos na relação do CPTR e do grupo com o entorno. Desde sua formação o grupo sempre interagiu com as comunidades onde estava sediado, seja com ensaios abertos, apresentações ou cortejos.

¹ Marcos Pavanelli: ator, palhaço e diretor teatral; fundador e integrante do Núcleo Pavanelli e articulador do Movimento de Teatro de Rua-SP e Rede Brasileira de Teatro de Rua.

² Simone Brites Pavanelli: atriz, palhaça e produtora; fundadora e integrante do Núcleo Pavanelli e articuladora do MTR/SP e RBTR.

³ Rubens Brito: ator, diretor e professor doutor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fundador e integrante do Grupo de Teatro Mambembe (década de 70).

⁴ Licko Turle: pesquisador, professor, ator e diretor teatral. Licenciado em Letras (UERJ), Mestre e Doutor em Artes Cênicas; Professor bolsista CAPES/FAPERJ Pós-doutorado Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

⁵ Amir Haddad: diretor e ator teatral. Fundador do grupo Tá na rua / RJ.

⁶ Calixto de Inhamuns: ator, diretor e dramaturgo. Fundador e integrante do grupo de Teatro Mambembe (década de 70), do Grupo Arte Viva (década de 80) e coordenador de pesquisa do CPTR Rubens Brito.



Ensaio do espetáculo Dia de Benedito / Praça Levem Vampré, 2014. Foto de Julio Leão.

Desta vez a diferença estava justamente no bairro. A pergunta que nos fazíamos é como seria nossa atuação em um bairro do centro?

Com todas essas inquietações e expectativas, em fevereiro de 2008, Rubens Brito fez a passagem, foi brincar em outras paradas, outras praças, outros campos. Ficou a saudade, sua luz, sua constante provocação e a certeza do quanto aprenderíamos e contribuiríamos com esse momento histórico do teatro de rua no Brasil. Por tudo isso e um pouco mais, o homenageamos dando ao CPTR seu nome. Evoé!

Seguimos! No início não tão confiantes, mas com a firme presença de Calixto de Inhamuns, que, a nosso convite, assumiu, além da dramaturgia, a direção do novo espetáculo, com total compromisso com a proposta do Teatro Quântico que o Rubinho vinha desenvolvendo. Como em todo processo, o que se imagina na sua idealização vai se transformando conforme a banda toca, e nossa banda foi tocando e se tornando cada vez maior. O que deveria ser um espetáculo com oito atores se tornou um espetáculo com quinze, dentre eles Mizael Alves e Lucas Branco, integrantes do grupo até hoje. Em 2008 nasce *Viva Malasartes! Histórias de um povo de algum lugar*, montado com o propósito de ser uma escola, um lugar de investigação de muitas possibilidades com a participação dos atores do grupo, e outros atores não atores que foram selecionados. Pedro Malasartes foi utilizado como anti-herói da história encenada em uma hora e meia; falava dos problemas do povo brasileiro e sugeria que o povo se levantasse contra o sistema capitalista.

Durante esse período, fizemos muitas ações no Largo Santa Cecília, no centro de São Paulo: apresentações do repertório do grupo (*O Básico do Circo*, *Pinta de Palhaço* e *Viva Malasartes!*); organizamos uma temporada de teatro de rua com grupos convidados; ensaiamos; treinamos circo. Enfim, não havia uma semana em que não fôssemos pra rua. Essa prática nos tornou conhecidos e próximos de alguns moradores de rua do Largo, e pudemos ver e sentir como a prática artística continuada pode contribuir para a saúde do ambiente urbano e de seus frequentadores.

No ano seguinte o Núcleo Pavanelli, buscando um local maior, muda de sede mas ainda permanece no bairro de Santa Cecília. Nessa nova etapa, demos continuidade aos treinamentos do grupo, sempre abertos a novos participantes, e à circulação do *Viva Malasartes* pelas praças do centro e nos bairros da periferia, onde grupos parceiros mantêm um trabalho de continuidade (Sacolão das Artes no Parque Santo Antônio/ZS - Brava Companhia; Instituto Arte em Construção na Cidade Tiradentes/ZL - Pombas Urbanas; Praça do Casarão na Vila Mara/ZL - Buraco d'Oráculo; Arsenal da Esperança na Bresser/ZL - Cia. Estável de Teatro, entre outros).

Nessa época, o Núcleo Pavanelli buscou a aproximação com um bairro da periferia da Zona Norte, o Parque Edu Chaves, porque sempre acreditamos na importância do trabalho continuado nas comunidades. Nossa proposta era realizar um curso de teatro na SAPEC (Sociedade Amigos do Parque Edu Chaves) e a Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte. Esse bairro foi escolhido por estar na Zona Norte, onde o grupo foi fundado, e pelo contato que já tínhamos com essa associação local. Na década de 1980, era um bairro populoso e com uma grande movimentação de festas populares e atividades voltadas para jovens e crianças. Mas, a realidade que encontramos foi outra: um bairro ainda populoso mas considerado dormitório. A Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte aconteceu com oito grupos convidados, na praça Eduardo Chaves e na praça João Batista, no Jaçanã. Como uma coisa leva à outra, através da SAPEC conhecemos o CICAS - Centro Independente de Cultura Alternativa e Cultural, uma ocupação cultural feita por jovens da comunidade, que desde 2007 estavam revitalizando e mantendo um galpão abandonado, com atividades culturais. Em novembro de 2009 fizemos nossa primeira apresentação na praça Carlos Kozeritz e não saímos mais de lá. Adotamos o Jardim Julieta e somos irmãos do CICAS na realização de ações para a comunidade.

Em 2010 conseguimos sair do centro e nos estabelecemos na sede onde estamos até hoje. Um pequeno galpão que é a sede do Grêmio Esportivo Vila Harding, no Tucuruvi, Zona Norte. Este grêmio foi um importante clube de futebol e hoje, com 80 anos de existência, ainda mantém sua tradição preservada.

Nesta época o grupo estava mais maduro nas propostas do CPTR, reconhecendo sua função como um pólo de formação, estímulo e registro para o teatro de rua do Brasil. Nesse sentido, todas as ações realizadas foram tendo uma maior verticalidade no que se refere à pesquisa prática e teórica que pudesse conferir ao grupo e aos demais participantes um ferramental cada vez maior para o fazer da rua.

O Núcleo Pavanelli sempre reconheceu a função formadora dos grupos teatrais, e com a possibilidade da realização de um projeto permanente e de continuidade, que vem sendo viabilizado pela Lei de Fomento ao Teatro, essa questão fica cada vez mais evidente à medida que a escolha dos profissionais vem a partir das necessidades do grupo. Sendo um projeto do grupo, é natural que atenda suas demandas mas que, igualmente, pense ações que tenham relação com a cidade, com os demais grupos e com o compromisso firmado de ser um pólo de formação, estímulo e registro para o teatro de rua. Pensando nisso, o CPTR vem realizando a Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte (IV Mostras), o Seminário Nacional de Dramaturgia para o Teatro de Rua (II Seminários), a Feira de Arte Pública (V Feiras) e as publicações, que são a revista *A Poética da Rua* (5ª edição), o *Caderno de Registros do CPTR* (3ª edição) e o DVD documentário *O Meio da rua é um Meio* (4ª edição).

A Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte, que está em sua quarta edição, passou a acontecer nas praças do entorno do CICAS, mas também no Ponto de Cultura Quilombaque - Perus (2010/2011), Sarau da Brasa - Vila Brasilândia (2010/2011), Parque Lions Club e Praça Leven Vampré - Tucuruvi (2011/2012).

Em 2011 aconteceu o I Seminário Nacional de Dramaturgia para o Teatro de Rua na UNESP, com o apoio desta instituição e do professor Alexandre Matte⁷. O II Seminário aconteceu nas sedes dos grupos Pombas Urbanas, Buraco d'Oráculo, Núcleo Pavanelli e também no CICAS. Ambos, sob a coordenação de Calixto de Inhamuns, tiveram como principal objetivo reunir dramaturgos, diretores e pesquisadores de todo o Brasil para trocar experiências sobre suas práticas, conversar sobre a dramaturgia do texto, mas também como cada um pensa desde a escrita de um texto para rua até a encenação, atuação e direção. Todo material foi registrado, transcrito e os pontos mais relevantes foram publicados nos cadernos do CPTR. O registro audiovisual serviu de base para o documentário *O Meio da rua é um Meio*, que apreende a pesquisa do grupo e todas as ações realizadas dentro de um certo período.

A Feira de Arte Pública é a filha mais nova do CPTR e vem acontecendo na praça que fica ao lado do CICAS. De dezembro de 2013 a junho de 2014 foram realizadas quatro feiras, que reuniram grupos da cultura popular paulista, grupos de teatro e a Tenda Paulo Freire, que trouxe um espaço de cuidado em práticas terapêuticas alternativas e educadores populares, somando-se às práticas artísticas que estavam acontecendo.

A revista *Poética da Rua*, em sua quinta edição, além de ser um veículo que fala da pesquisa do grupo e do CPTR, se tornou também um lugar para publicação dos acontecimentos que consideramos de maior relevância daquele período. Optamos por dar espaço para manifestos, cartas, documentos e textos de parceiros que, assim como nós, lutam pela mudança desse sistema, e por uma arte pública e democrática.

Para finalizar, voltamos a falar das ações realizadas especificamente para o Núcleo Pavanelli. O CPTR vem mantendo treinamentos práticos nas técnicas circenses (coordenado por Marcos Pavanelli) e musicalização (coordenado por Charles Raszl⁸), que são as linguagens básicas com as quais o grupo se propõe a trabalhar. E vem convidando outros profissionais que trazem complementos artísticos e de conteúdos populares de outras regiões do Brasil. Nos últimos três anos tivemos a presença de Ray Lima⁹ e Junio Santos¹⁰ trouxeram a cenopoesia; Fernando Neves¹¹ com a pesquisa do circo teatro; Luiz Bastos¹² veio com oficina de percussão; e Karla Magalhães¹³, com danças populares. As oficinas de dramaturgia, que chamamos "Encontros de dramaturgia", passaram, a partir de 2011, a ser voltadas para atores com foco na interpretação e na construção de textos para teatro de rua. O grupo também mantém, em um processo de continuidade, ciclos de palestras com assuntos pertinentes ao conteúdo que querem trabalhar nos seus espetáculos. A partir da montagem do *Viva Malasartes!*, já começa a apontar esse novo caminho, que sai um pouco do palhaço como personagem central e passa a tratar da luta de classes e de histórias contadas a partir do ponto de vista da classe trabalhadora.

⁷ Alexandre Matte: professor da graduação e da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador de teatro e militante do teatro de rua na cidade de São Paulo.

⁸ Charles Raszl: violonista, guitarrista, arranjador, compositor, arte-educador e diretor musical e teatral. Formado na Escola Municipal de Música - SP e Universidade Livre de Música - SP.

⁹ Ray Lima: ator, músico, cenopoeta, integrante do grupo Pintou Melodia na poesia (Natal/RN).

¹⁰ Junio Santos: ator, palhaço, cenopoeta, integrante do grupo Cervantes do Brasil.

¹¹ Fernando Neves: ator e diretor teatral, integrante do grupo Os Fofos Encenam.

¹² Luiz Bastos: Músico, percussionista, violonista, educador e pesquisador de manifestações populares brasileiras, graduado em Licenciatura em Música e pós-graduado em Educação Musical pela FPA - Faculdade Paulista de Artes.

¹³ Karla Magalhães: professora de danças brasileiras, integrante do grupo Sanza de Embu das Artes/ SP.

Nessa caminhada o CPTR recebeu, além dos profissionais convidados para contribuir com o processo de formação, artistas que aproveitaram a oferta de cursos e oficinas e que foram se incorporando ao grupo. Em 2011 o grupo estreia o espetáculo *Aqui não, Senhor Patrão!*, com orientação em dramaturgia de Calixto de Inhamuns e direção de Marcos Pavanelli, e circula com ele pelas praças do centro e bairros da periferia. Em 2012 esse espetáculo é remontado com a participação de novos atores e atrizes que, por identidade artística política e social, passaram a integrar o grupo e a contribuir para realização de todas as ações do CPTR. Dentre eles, Beatriz Barros, Jessica Duran, Marcelo Royo, Sabrina Motta, Tiago Cintra e a produtora Cristiane Accica seguem firmes nessa caminhada!

No período de dois anos (2012 e 2013) este novo coletivo verticalizou as práticas do grupo e viveu um intenso processo de aprendizagem e troca, entre si e com outros grupos e movimentos. A nova montagem do grupo, que estreia em 2014, surge da necessidade desse novo coletivo em dar continuidade à pesquisa política com foco na luta de classes, na pesquisa da cultura popular paulista como forma de resistência, além das linguagens circenses e musicais. Esse espetáculo, estreou em outubro de 2014, tem dramaturgia de Calixto de Inhamuns e direção de Marcos Pavanelli.

Este breve texto teve a pretensão de fazer um panorama geral das ações do CPTR, de ressaltar seu papel como um pólo de formação, estímulo e registro para o teatro de rua e das principais ações do Núcleo Pavanelli.

Evoé!



UMA REFLEXÃO SOBRE O RISO E AS AMARRAS SOCIAIS

Lucas Branco¹⁴

Acredito que, na essência, somos todos palhaços. Para mim, uma das capilaridades que envolvem a essência do palhaço é estar disposto a brincar: consigo, com o outro e com regras e padrões sociais. Em muitas vezes esquecemos de brincar. Vamos endurecendo, petrificando e quando percebemos mal conseguimos sorrir.

As amarras sociais muitas vezes nos amarram! Sem nos darmos conta que quem afrouxa ou aperta o nó somos nós mesmos. É preciso coragem para tirar as couraças, se desvendar e saber brincar. Para alguns, saber brincar não é tarefa fácil, pois estão tão envolvidos em seus seres endurecidos que por anos têm sustentado.

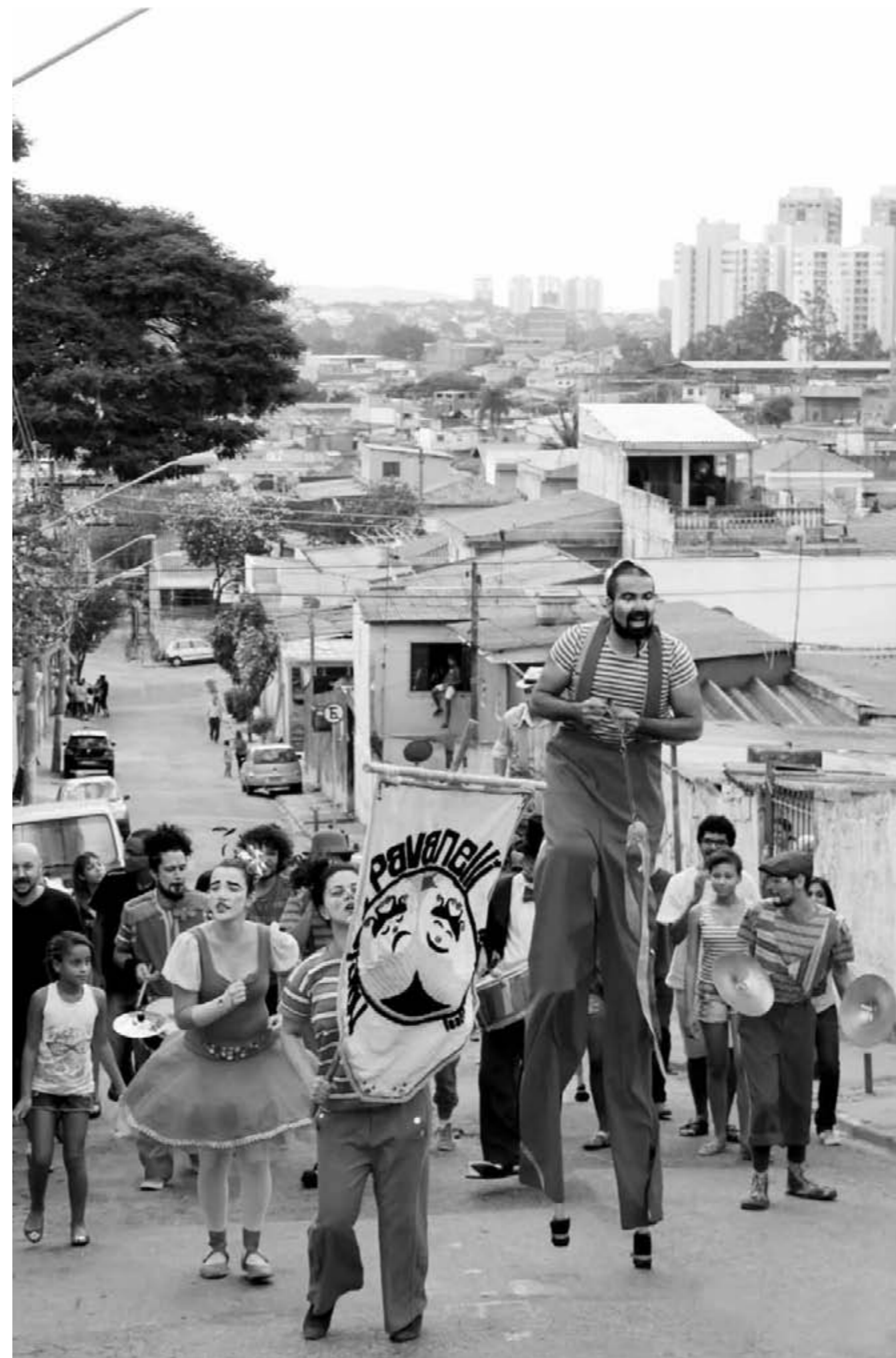
Acho que falta uma pitada de “loucura”! Há séculos o riso vem sendo condenado. Diversos escritos encorajando o seu não uso: “não é permitido rir, em qualquer circunstância, por causa da multidão que ofende a Deus, desprezando sua lei. O Senhor condenou aqueles que riem nesta vida. Portanto é evidente que, para os cristãos, não há circunstância em que possam rir.” (S. Basílio - Pequenas Regras). E se repete na epístola 22: o cristão “não deveria brincar; ele não deveria rir nem tolerar os que fazem rir”. E em centenas de outros escritos, ditos sagrados.

Hoje acredito o quanto Deus se manifesta na alegria, na dança e no sorriso. Parece que não, mas são padrões enraizados que às vezes nem sabemos de onde vêm e que permeiam nossas culturas de “bons modos”. Alguns dizem que Deus criou o mundo em algumas gargalhadas. Há os budas sorridentes e toda sua mitificação. O riso já foi cultuado, ritualizado, profanizado e beirante à insanidade, mas de qualquer forma o riso é poderoso.

Claro que tudo é ensinamento e alguns não nos vêm pelo riso, mas estes são poucos e em poucos lugares. Eis algumas reflexões acerca de nossas práticas sociais. Acredito no quanto toda e qualquer prática se torna mais frutífera quando envolve alegria e leveza que não significam falta de exigência, mas esta, inundada de generosidade, esbanja mais eficácia. O aprendizado está no amor!

Então, VIVA A ALEGRIA! VIVA A RENOVAÇÃO!

¹⁴ Lucas Branco: ator, artista circense, integrante do Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo e Artista Orientador na Escola Viva de Artes Cênicas de Guarulhos.



O Básico do Circo / Mostra de Circo Teatro As Maiores Bagaças do Mundo e Adjacências, da Trupe Lona Preta, 2014. Foto de Júlio Leão.

O BÁSICO DO CIRCO

15 ANOS!

Marcos Pavanelli e Simone Brites Pavanelli

Em 2015 o espetáculo *O Básico do Circo* completará 15 anos no repertório do Núcleo Pavanelli e, certamente, tem para o grupo uma importância histórica e afetiva! Em todos esses anos, esse foi o espetáculo que mais apresentamos, com o qual mais viajamos e aquele que todos os atores e atrizes que já passaram pelo grupo certamente mais gostam e se identificam.

Tudo começou porque fomos convidados a participar da I Mostra de Teatro de Juiz de Fora, e aceitamos o convite apenas com o esboço do que seria o espetáculo. A partir daí o processo de montagem foi “o básico do circo”, ou seja, cada um fazendo aquilo que sabe, cada um sendo colocado onde brilha mais, sem crise, sem ego, sem psicologismo. E foi assim que surgiu a história de uma bailarina gordinha e atrapalhada (Rosy Cunha) que despertou o amor dos palhaços Orelhinha (Marcos Pavanelli) e Magrila (Adailton Alves), que disputavam sua atenção sob as severas chicotadas da dona do circo (Selma Pavanelli). Em meio ao roteiro simples, números circenses e a música ao vivo executada pelo saxofonista (Fabiano Assis) e o percussionista (Paulo Dantas). Com direção de Marcos Pavanelli e produção de Simone Brites Pavanelli, a estreia foi um misto de susto, entusiasmo e surpresa. E de lá pra cá o que era básico continua básico mas com o aperfeiçoamento de cada técnica, com a delicadeza do acabamento e da relação entre os palhaços e deles com o público.

Em todos esses anos foram quatro remontagens. A primeira contou com a participação dos atores da Trupe Olho da Rua, de Santos; a segunda e a terceira, com atores que faziam as oficinas de formação do Centro de



O Básico do Circo / Mostra de Circo Teatro As Maiores Bagaças do Mundo e Adjacências, da Trupe Lona Preta, 2014. Fotos de Júlio Leão.



Pesquisa Para o Teatro de Rua – Rubens Britto (CPTR – Rubens Britto); e a quarta e última, em 2011, com os atuais atores e atrizes do grupo.

O processo das remontagens é sempre igual e bem simples. Entendemos esse espetáculo como uma escola de palhaços e, como a base do grupo é o circo, ele é perfeito para o nosso processo de formação. Quando um ator ou atriz se integra ao grupo, vamos percebendo seu tipo para ver o que ele ou ela poderá fazer no espetáculo. Se no circo teatro os atores iniciantes começavam com ações simples, como entregar uma carta, no Núcleo Pavanelli, como não temos nenhuma carta pra entregar em cena, quem começa carrega o estandarte! E assim vai começando, com pequenas ações, até que em algum momento se percebe que o ator ou a atriz já começa a pensar como palhaço, já entende que não tem que psicologizar nada, que é tudo direto e rápido. A conquista desse entendimento não tem tempo certo, cada um tem um processo, e em toda remontagem as necessidades do grupo foram diferentes.

Na parte das técnicas circenses é um pouco mais complicado, porque depende de um treinamento constante, mas que ao longo do tempo veio capacitando muitos atores e atrizes a andar de perna de pau, jogar malabares, estalar chicote e a fazer pirofagia. Mas continuamos com a mesma linha de pensamento, cada um faz o que tem de melhor e assim o espetáculo ganha. Musicalmente, o espetáculo ganhou muito à medida que os integrantes do grupo foram aprofundando seus treinamentos musicais, seja na parte melódica ou percussiva. Hoje, as músicas do espetáculo são executadas por Otávio Correia (guitarra e percussão), Mizael Alves (trompete e percussão), Marcos Pavanelli (zabumba), Marcelo Roy, Tiago Cintra e Sabrina Motta (percussão). Marcos Pavanelli faz o dono do circo; Sabrina Motta e Beatriz Barros revezam a bailarina; Marcelo Roy, Lucas Branco, Tiago Cintra e Mizael Alves formam duplas de palhaços, e Jéssica Duran está atualmente “entregando carta”.

Aproveitamos o espaço desta publicação pra comemorar antecipadamente os 15 anos da história deste espetáculo e agradecer a todos os palhaços e palhaças que participaram dessa história!



Ensaio do espetáculo *Dia de Benedito* / Praça Levem Vampré, 2014. Foto de Julio Leão.

O MOVIMENTO DE UMA NOVA MONTAGEM

Sabrina Motta¹⁵

Em 2014 o Núcleo Pavanelli comemora sete anos de CPTR, quatorze anos de *O Básico do Circo* e dezesseis anos de grupo. Estreia seu novo espetáculo *Dia de Benedito! se correr o bicho pega, se ficar o mundo come!* resultado de uma pesquisa que tem início em 2008, durante a montagem de *Viva Malasartes! Histórias de um povo de algum lugar!*, que fala das mazelas do povo brasileiro. Em 2010, com o *Aqui não, Senhor Patrão!*, essa pesquisa faz um recorte na questão do trabalho como meio de vida, da mais-valia e a exploração da força de trabalho. E esse foco se aprofunda nessa nova montagem.

Temos desenvolvido ao longo dos anos algumas práticas de produção, criação e manutenção do coletivo, focadas numa organização prática e política, onde todos os artistas integrantes se apropriam da produção do próprio trabalho, entendendo essa propriedade a partir do conceito debatido entre os fazedores de Arte Pública, que é o “feito por todos e para todos”.

Mas, como sabemos, o desenvolvimento de todos só se dá em movimento, porque nada evolui parado, toda evolução é uma constante mudança, um mover-se paralelamente ou complementarmente a tudo. Então, *bora andar*, ou melhor, correr, porque o tempo é curto. Assim, começamos a nossa pesquisa sobre a cultura popular paulista, voltada para a musicalidade e para a sua história. Buscamos a cultura paulista pensando na pesquisa de uma “forma” para o novo espetáculo, enquanto ferramentas para contarmos uma história. Mas não podemos entendê-la apenas como forma, já que, como cultura popular e tradição, é uma resistência que carrega em si uma série de conteúdos que vêm totalmente ao encontro

¹⁵ Sabrina Motta: atriz, integrante do Núcleo Pavanelli, articuladora da RBTR e MTR-SP e formada na Escola Livre de Teatro de Santo André/SP.

dos nossos pensamentos sobre o teor “político e social”, por assim dizer, do que queríamos falar em cena. Como não se questionar a partir de uma pesquisa como essa, como nossas raízes se fragilizam conforme o “progresso” da cidade avança? Como não olhar para as histórias de milhares de famílias que são obrigadas a abandonar seu lar no interior para tentar uma vida na cidade; que são expulsas porque as máquinas tomaram o seu lugar, ou porque estão contaminadas pelos venenos jogados no ar, na água ou no solo? Em condições como essas, o que resta é deixar tudo pra trás, mesmo não querendo, e começar do zero, abandonar suas raízes por conta de um sistema de exploração e subordinação sob o qual vivemos.

Conhecer o grupo Filhos de N’Zambi, de São José dos Campos/SP, foi determinante para decidirmos a congada como o gênero musical que direcionaria o espetáculo; seria o fio condutor que ligaria as histórias. Visitamos a cidade de Aparecida do Norte/SP para participar da Festa de São Benedito e do Encontro de Congada, e era incrível de ver as dezenas de grupos que passavam a cada minuto tocando suas músicas para homenagear o seu padroeiro, São Benedito, o protetor dos pobres e oprimidos! Entendemos assim, a partir desse encontro tão tradicional, que o espetáculo se passaria numa festa de São Benedito. E já que falaríamos sobre as mazelas da nossa sociedade, partiríamos dos fatos humanos para falarmos do político.

Mas falar sobre as mazelas da sociedade é muito amplo, precisávamos de um foco, um recorte: o Trabalho. Utilizamos alguns temas como o agronegócio, a saúde, a educação, a polícia, para desembocar no cerne do espetáculo, o trabalho como meio de vida.

Para que conseguíssemos falar de tudo isso, escolhemos vários personagens, que aos poucos se transformaram em uma família que migra do campo para a cidade. A decisão foi pelo comum, pelo simples. Uma história que acontece todos os dias, nada mirabolante, apenas o simples. Nossa tentativa será de aproximar o público com a cultura paulista e com a história familiar sobre o trabalho. Porque precisamos ocupar os espaços para contar as NOSSAS histórias!

Ditinho, Consolação, Ticiano e Gabi constituem uma família que vive no campo, trabalham nas fazendas dos patrões e são obrigados a ir para a cidade em busca de algo melhor, pois as máquinas tomaram o lugar dos homens; e a mãe, Consolação, sofre de uma doença causada pelo veneno jogado nas lavouras. Já na cidade, o pai, Ditinho, não encontra outra saída para trabalhar a não ser como plaqueiro de “Compra-se Ouro”. O filho, Ticiano, se dedica ao ramo ilegal e vira ambulante. A trajetória de Consolação é em busca de um tratamento médico público. E a filha, Gabi, arruma um emprego como operadora de telemarketing para conseguir pagar a faculdade de pedagogia e um dia tornar-se professora de escola pública.

Todas as dificuldades que eles enfrentam são acompanhadas de perto por Mefistófeles Tinhoso Lúçifer, um certo capiroto que decide aparecer na história para buscar a família e levá-la para o inferno - que, pelo que dizem, está compensando mais que aqui.

Todo processo carrega consigo um desafio, além da própria montagem, que já significa um desenvolvimento do grupo e uma maturação do pensamento político. Trabalhar em coletivo não significa - como muitas vezes caímos no erro de pensar - anular nossa individualidade, mudarmos nossa personalidade ou executar as ideias alheias, e nem mesmo moldar o grupo a partir de um único pensamento ou, até mesmo, gosto. É contra essa corrente que estamos indo nesses anos de relações intensas. Estamos nessa busca, que é tão desgastante quanto deliciosa, de estarmos sempre em círculo, todos no mesmo patamar, afinados em terça, quinta ou oitava, mas em coro. E que se sobressaia apenas aquele que for necessário, quando for necessário.



Dia de Benedito / Praça Carlos Kozeritz, 2014. Foto de Camila Morelli.

Nessa pesquisa das nossas relações, estudamos o humano, e somos nossos próprios objetos de trabalho. Por isso, nosso pessoal e profissional estão intrinsecamente ligados, evoluir em um aspecto é evoluir em vários paralelos. Podemos nos observar repetindo vícios do cotidiano na nossa criação coletiva, e o próximo passo da observação é a necessidade de mudança. Mas como modificar algo naturalmente? Como acelerar o processo de mutação da coisa? Pode ser, repito, pode ser que tentar mudar algo seja o caminho errado, pode ser. Lembrem-se do desenvolvimento em movimento? A coisa, algo, está em movimento, portanto já está se modificando, por isso devemos atentar a esse processo, ao movimento.

Em doses homeopáticas vamos curando os nossos males internos e externos, abrindo portas para novas organizações, pensamentos, discussões; e para novos males, que serão também curados em doses homeopáticas ou não, conforme for necessário ao coletivo.

É pouco para narrar o “olho do furacão”, mas isso é o que hoje, a um mês da “estreia” - seja lá o que essa palavra signifique -, posso relatar de mente, coração e alma.

Haux haux, Halle hop!!

OCUPAR É PRECISO!

Desde 2009 o **Núcleo Pavanelli** é parceiro do **Centro Independente de Cultura Alternativa e Social**, o **CICAS**, que fica no Jardim Julieta, zona norte de São Paulo. O CICAS é uma ocupação que surgiu da iniciativa de jovens da comunidade que reconheciam a necessidade de um espaço cultural público, com programação diversificada e de qualidade. Para isso, em 2007 arregaçaram as mangas e revitalizaram um galpão, um imóvel público que estava abandonado. Nesses 7 anos de ocupação enfrentou e enfrenta muitos desafios, e ainda não conseguiu a concessão do uso do espaço nem apoio para uma reforma mais contundente, que é uma das promessas da Prefeitura. Mas seus ocupantes são bravos guerreiros que, mesmo com todas as dificuldades, vêm caminhando e integrando novas ações e parcerias.

Em 2013 e 2014 o **Núcleo Pavanelli** realizou na praça no entorno do CICAS as **Feiras de Arte Pública** com a participação de grupos de teatro, grupos da cultura popular, a **Tenda Paulo Freire** e cortejos. O **Coletivo Verde**, contemplado pelo Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, desenvolveu o projeto **Jardim Cultural da Julieta**, com várias atividades, como o mutirão de limpeza da praça, plantio de mudas, oficinas de captação de água da chuva, contação de histórias etc. Outro coletivo que marca presença é o grupo de dança **Fya Jam**, que também tem o apoio do VAI e usa o espaço para ensaios e apresentações.

O CICAS ainda mantém uma biblioteca comunitária, aulas de capoeira, dança do ventre, oficinas de grafite e shows de música de variados estilos. Mesmo com todas as dificuldades vem resistindo e se mantendo como um polo cultural da zona norte de São Paulo.



A *Poética da Rua* apresenta mais detalhes de três importantes ocupações artísticas em São Paulo: O Instituto Arte em Construção, o Sacolão das Artes, o CDC Vento Leste. E uma em Porto Alegre: Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Navegar é preciso!





Instituto Pombas Urbanas. Foto de divulgação.

POMBAS URBANAS – 10 ANOS DE OCUPAÇÃO E ARTE EM CONSTRUÇÃO!

Marcelo Palmares¹⁶

O ano era 1999. Estávamos completando o ciclo dos 10 anos do grupo Pombas Urbanas com muita energia e inquietude, o que nos instigava a buscar novos desafios. Formado e dirigido pelo peruano Lino Rojas, com jovens do bairro de São Miguel Paulista, o grupo agora habitava um apartamento alugado no centro de São Paulo. Surgia um sonho-desejo-necessidade de retornar à nossa região de origem: a zona leste de São Paulo. Cinco anos depois, parecia que o destino ou os deuses do teatro resolveram, entre copos de vinho e gargalhadas, atender ao nosso sonho. E ele se realizou bem maior do que o imaginado!, o local encontrado foi um galpão de 1.600 m², abandonado, no bairro Cidade Tiradentes.

Olhando no mapa, Cidade Tiradentes fica no canto mais leste da Zona Leste. Terra de extremos, cujas histórias vividas pelos moradores beiram o limite da superação. Construído pelo poder público em 1984, durante a ditadura militar, num sistema de desenvolvimento urbano cruel, em que os interesses econômicos importam mais do que as pessoas, para o bairro foram trazidas mais de quarenta mil famílias de diversas regiões da cidade, para viver nos minúsculos apartamentos construídos pelo governo, sem qualquer infraestrutura habitacional, transporte, comércio, emprego, sistema de saúde, escolas e creches para a população que ali chegava. Hoje o bairro estigmatizado pela violência é o maior complexo habitacional da América Latina, tem oficialmente 280 mil habitantes, porém acredita-se que habitam mais de 450 mil pessoas, tendo a maior população negra da cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo que cresceu populacionalmente, o bairro ganhou um hospital, parques, mais linhas de ônibus - melhorias sempre resultantes da árdua luta dos seus moradores.

Entre as ruínas e escombros do que fora um antigo supermercado, Lino pulava e dançava de alegria e nos dizia: “É um chamado!!! Esse lugar é um chamado!!! Aqui estão as histórias, os personagens do teatro que vamos representar. É só trabalharmos nossos corpos, nossa voz, que os personagens irão aparecer! Se tocarmos um sino quando o teatro começar, todo bairro vai escutar!” O local trouxe expectativas, dúvidas, anseios, desejos e muita conversa para o grupo. Após muita reflexão chegamos a uma conclusão: não tinha sentido desenvolver um projeto artístico no bairro sem estar vivendo o seu dia a dia, convivendo cotidianamente com a comunidade.

Fizemos nossas malas, com roupas, cenários, figurinos, móveis, maquiagens e sonhos, lotamos um caminhão com nossa mudança e partimos para o bairro que seria nossa nova morada. Aqui, em 2004, o Pombas começava a fazer nosso ninho. Iniciava assim o processo de criação do Centro Cultural Arte em Construção, nome dado porque sentíamos e víamos que a vida das pessoas que aqui moravam estava em plena construção.

Em 2005, sofremos a repentina perda do mestre Lino Rojas, vítima da violência que assola os centros urbanos. Um pouco sem chão, mas com nossas raízes artísticas bem alicerçadas no coletivo, continuamos o projeto. Vinha da própria comunidade apelos para que não parássemos. “Compreendemos a dor que vocês sentem. Ela é igual a que muitas famílias aqui já sentiram. Mas vocês têm que continuar, pois é neste galpão que minha filha está crescendo. Ela chora todos os dias por ver as portas fechadas”, dizia-nos emocionada uma moradora. Durante os anos seguintes, nos dedicamos com intensidade à formação teatral e circense com crianças e jovens do bairro e à estruturação física do espaço. Trabalho duro para garantir os recursos financeiros para a manutenção do espaço, pagamento de dívidas existentes no local e contas de água, luz, telefone - muitas vezes com o pouco recurso pessoal que tínhamos ou através de cachês de apresentações - ao mesmo tempo que criávamos vínculos de escuta, diálogo e afeto com a comunidade. Muitos companheiros e parceiros se solidarizavam e apresentavam seus espetáculos, muitas vezes sem receber cachês.

¹⁶ Marcelo Palmares: integrante e fundador do Instituto Pombas Urbanas, sediado na Zona Leste de São Paulo, Cidade Tiradentes.

Em 2006, fomos presenteados pelo MTR - Movimento de Teatro de Rua de São Paulo, com o encerramento da **1ª Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas**, em homenagem ao Lino, no bairro Cidade Tiradentes. Atores e atrizes de dezenas de trupes de teatro de rua da cidade chegavam ao bairro para fazer um imenso cortejo pelas ruas de Cidade Tiradentes. Não é possível definir se a emoção foi mais intensa para a comunidade ou se para os próprios atores do grupo Pombas Urbanas. Apresentamos duas cenas de *Mingau de Concreto* e, ao final do dia, já pulsava em cada integrante do grupo o desejo de iniciar um novo projeto de pesquisa e montagem de um espetáculo.

Recolhíamos a saudade e a inconformidade com a perda de Lino para potencializar com gratidão todo aprendizado artístico e de vida desenvolvido junto a ele. Em 2007, estreamos o espetáculo *Histórias Para Serem Contadas*, com texto do dramaturgo argentino Osvaldo Dragún e direção de Hugo Villavicenzio. Nas cenas, o texto escrito em 1956 ganhava a cor e a vitalidade das histórias conhecidas e convivas junto à comunidade de Cidade Tiradentes.

Aqui temos desenvolvido um amplo processo cultural comunitário com cursos de circo e teatro para crianças e jovens e uma diversidade de linguagens artísticas, uma programação constante e gratuita de espetáculos, saraus, festas, a criação de uma das maiores bibliotecas comunitárias da região. Os cursos de teatro e circo resultaram na formação de coletivos compostos por jovens do bairro: o Núcleo Teatral Filhos da Dita, a Cia. Aos Quatro Ventos e a Trupe de Circo-Teatro Palombar, que junto ao Pombas Urbanas, integram a equipe de gestão compartilhada do CCAC.

Com este fazer teatral em constante vínculo com a comunidade, têm-se criado novos referenciais que diluem o estigma de bairro maldito, violento para o fortalecimento de uma identidade coletiva que valoriza a memória e história de seus moradores, no sentido de sua enorme potencialidade, resistência e superação. Assim surge, no Centro Cultural Arte em Construção, o Teatro Vento de Lona (homenagem do grupo ao Lino), e também o Bloco da Nega Zilda e a Biblioteca Comunitária Milton José Assumpção, o Seu Milton, moradores símbolos da vida e alegria da comunidade, não só ressignificando o espaço, mas também seus habitantes. Estamos completando 25 anos de grupo, sonhando com a montagem de dois espetáculos: o recém-estreado *Era Uma Vez Um Rei*, texto criado em 1974 pelo chileno Oscar Castro, que adaptamos para a rua, e um outro texto que está em fase de construção coletiva e com dramaturgia do próprio grupo, chamado *Cidade Desterrada*, previsto para estrear em 2015, que contará a história do bairro. A arte e sua produção simbólica têm feito parte do dia a dia dos moradores, dando novo significado e revalorizando o passado, construindo novas perspectivas de presente e futuro; assim como o fazer teatral, que aprofunda sua relação com o território e com a comunidade, continua a ser um grato e generoso projeto de vida.



Instituto Pombas Urbanas. Foto de divulgação.

SACOLÃO DAS ARTES

Brava Companhia

Brasil, São Paulo, julho de 2014, ano que abriga dois eventos importantes: a Copa do Mundo e as eleições presidenciais. Do primeiro já podemos tirar alguns resultados, mas fiquemos apenas com um: o rastro de barbárie, miséria e ódio deixado pelo governo brasileiro, nas esferas federal, estadual e municipal, com a expulsão violenta de famílias inteiras de suas casas para a construção de obras faraônicas que destoam do restante de nossa arquitetura. Já do segundo podemos tirar, pelo menos, e de longe um grave problema, a dificuldade de se escolher um candidato que represente realmente as demandas populares.

Além disso, vimos, ainda este ano, o recrudescimento das ações violentas da polícia militar brasileira, que segue, arbitrariamente, assassinando companheiros e companheiras por todos os cantos da cidade e do país. Esta mesma polícia que, durante a peça JC, da Brava Companhia, assassinou mais duas pessoas em frente ao Sacolão das Artes – se a ação foi ou não legítima, não cabe aqui julgar, mas vale ressaltar a naturalidade com que fatos como este vêm ocorrendo.

Bem, depois dessa espécie de preâmbulo, podemos perguntar o que é o Sacolão das Artes?

Uma resposta utópica: em uma sociedade desmemorizada e cega, que não consegue reter a história e nem enxergar o futuro, o Sacolão é uma tentativa de não apagar da nossa memória as grandes lutas do passado, distante e recente, além de uma tentativa de prospecção de uma transformação social possível, um óculos que, embora embaçado, vislumbra, em suas lentes, um pouco ofuscadas, um pedacinho de futuro, uma realidade transformada revolucionariamente.

Uma resposta mais objetiva, que, no entanto, não anula a utopia anterior: o Sacolão das Artes é uma ocupação cultural desde 2007, ano em que diversos grupos artísticos, produtores culturais, a associação de bairro do Parque Santo Antônio, entre outros, ocuparam um antigo Sacolão de frutas, desativado já há algum tempo, com o propósito de transformá-lo em um espaço de produção de pensamento crítico por meio da fruição e produção cultural.

O Sacolão das Artes é fruto da luta de muitos homens e mulheres da periferia sul da cidade de São Paulo. Por isso, para falar sobre ele, faz-se necessária uma volta ao passado, retomando as bases históricas que possibilitaram, com toda precariedade e contradição, ele ser o que é hoje: um espaço de cultura reconhecido internacionalmente, que, contraditoriamente, sempre corre o risco de fechar por despertar vontades políticas que vão contra a ordem vigente.

Historicamente, o Sacolão das Artes é uma conquista obtida por um movimento organizado de pessoas envolvidas com os processos políticos, sociais e culturais da região (por exemplo, o Clube de Mães¹⁷). Os protagonistas dessa luta são a Rede Social São Luiz e, sobretudo, a União de Moradores do Jd. Antonieta, Parque Santo Antônio e adjacências. Na esteira desses movimentos, e não menos importantes, surgem outros atores nesse mesmo cenário de luta pela ocupação do espaço: são os grupos artísticos e produtores culturais da região. Entretanto, é importante ressaltar que, antes da ocupação, inúmeras reuniões foram feitas com os agentes políticos desse processo, para as quais a Brava Companhia, junto com outros grupos artísticos, foi convidada pelo reconhecimento de suas ações na região desde 1998, anos da fundação do grupo.

¹⁷ Para maiores esclarecimento sobre o termo, consultar o livro de Luciana Dias: *Santo Dias – Quando o passado se transforma em história*. – São Paulo: Cortez, 2004.



Foto de divulgação.

Após a tomada do Sacolão das Artes organizaram-se diversas atividades com os diversos grupos protagonistas deste momento histórico, dentre as quais, diversas peças de teatro que já passaram e continuam passando por aqui, num processo contínuo de formação e reflexão junto ao público; conversas, reuniões com a comunidade, bailes temáticos, oficinas... essas são algumas das atividades que por aqui são realizadas.

Além disso, optou-se, depois da ocupação, por uma gestão compartilhada do espaço, o que impulsionou a criação, com todas as suas contradições, de um coletivo gestor cujo objetivo é, com a participação de parte da comunidade, potencializar politicamente todas as atividades desenvolvidas pelo Sacolão das Artes, na tentativa de promover um processo contínuo de pesquisa e reflexão que possibilite ações imediatas, construídas no calor dos acontecimentos, para sobrevivência dos grupos envolvidos, mas que também colabore, num processo mais amplo de transformação, com todos os outros espaços, coletivos, grupos, movimentos que ainda se lançam na perigosa aventura de projetar e construir um futuro revolucionário, por mais ingênuo ou utópico que isso possa parecer ao nos depararmos com o exército de Branca Leone que somos.



ATIVIDADES DOS COLETIVOS QUE OCUPAM O SACOLÃO

Ensaio e apresentações do coletivo de circo Trupé na Rua; Oficina para crianças *Aqui que a gente Brinca*; Capoeira, Dança de rua, Grupo de Ginástica Corpo e Cultura; ensaios apresentações e outras ações da Brava Companhia, Aulas de bordado com o coletivo Tear e Poesia; Bloco Percussônico; Encontro de sk8; aulas de violão, samba-rock; ensaio aberto da bateria mirim da escola de samba Cacique do Parque; Mexidão de ideias com o Coletivo Casa de Arte e Paladar, Comunidade Samba e Paladar, Comunidade Raiz de Batuqueiro; Bailes: nostalgia e consulado do vinil.



Para obter detalhes da programação do espaço, consulte sacolaodasartes.blogspot.com.br.



Foto de divulgação.

O Risco das Verrugas ou Das dificuldades de se viver em coletivo

Paula Cortezia¹⁸

*“Enganam-se os que creem
 que as estrelas nascem prontas.
 São antes explosão
 brilho e ardência
 imprecisas e virulentas
 herdeiras do caos
 furacão na alma
 calma na aparência.
 Enganadoras aparências...”*¹⁹

Periferia da Zona Leste de São Paulo. Sete coletivos e outros tantos parceiros compartilham um espaço ocupado. Esse é o Clube da Comunidade (CDC) Vento Leste, espaço público por muitos anos abandonado no Jardim Triana, que desde meados do ano de 2000 vem se reconfigurando como um importante espaço cultural e político na cidade.

Diz o poeta que buscar estrelas e apontá-las no céu nos traz o risco de criar verrugas nos dedos. Pois a existência – ou resistência - desse lugar só tem sido possível enquanto fruto de muitas lutas, muita articulação com a comunidade e com outros parceiros e muita pressão junto ao poder público. Foi só assim que conseguimos reformar o espaço para que ganhasse o mínimo de infraestrutura necessária. Também foi assim que novos coletivos se somaram e compraram a briga dessa ocupação. Hoje o espaço é frequentado pelos coletivos de teatro Dolores Boca Aberta, Albertina e Parlandas; grupo de dança de salão Amigos Para Sempre; grupo Esquadrão Arte Capoeira; têm reuniões de recuperação para dependentes químicos; aulas de yoga; treinos de coletivos de esporte (basquete e futebol) e ações dos parceiros da banda Nhocuné Soul.

São muitos coletivos empenhados em dar conta de suas tarefas, dos mutirões de organização do espaço e dos vários eventos que são realizados na tentativa de aproximar parte da comunidade que não está diretamente envolvida com as atividades do CDC. Ainda assim, convivemos com a incerteza da nossa permanência ali e constatamos a existência de muitos parceiros na mesma condição pela cidade. A arte que a gente faz, especialmente essa que vai à contramão do que é hegemônico, não produz mercadorias, não dá lucro e ainda questiona um bocado de coisas. Isso incomoda muita gente e para outros tantos parece ser um espaço dispensável na cidade. Então seguimos em luta, tentando mostrar com o nosso próprio trabalho a importância dele existir.

“Eis minhas verrugas, / orgulho-me em tê-las, / é parte do meu ofício / de construtor de estrelas”

E é em luta que a gente se forma, é em luta que vivemos nossas contradições. Unidos pela vontade de fazer do CDC o espaço que ele é hoje, os coletivos vivem cotidianamente os impasses de assumirem as contas de água, de luz, de fazer as manutenções necessárias e de manter o espaço limpo e organizado. Não é fácil e nem sempre dá certo. Com os dedos cheios das tais verrugas, a todo instante nos deparamos com a necessidade de continuamente discutir que bicho é esse de se viver em coletivo! Como é que

¹⁸ Paula Cortezia: integrante do Coletivo da Albertina, um dos grupos gestores do espaço CDC Vento Leste.

¹⁹ Trechos do poema “Sobre o ofício de construir estrelas e o risco das verrugas”, Mauro Iasi.

faz, que dia marca mutirão, quando é a próxima reunião dos coletivos, quem mudou de horário essa semana, cadê o figurino que estava aqui? E toda a sorte de pequenos acontecimentos que nos lembram da responsabilidade que é ocupar, dividir e autogerir um espaço. E vamos nos formando uns aos outros.

“Gastarei as verrugas / na lixa da prática, / queimarei as verrugas / com o ácido da crítica / e aprenderei com as marcas / que as estrelas se fazem ao fazê-las / por isso são estrelas.”

Hospital Psiquiátrico São Pedro: um breve relato de resistência artística

Hamilton Leite²⁰

Há mais de 14 anos, os pavilhões 5 e 6 do Hospital Psiquiátrico São Pedro são utilizados para produção e apresentação teatral. Inicialmente, com o grupo *Falos e Stercus*; logo após veio a Bienal do Mercosul e vários filmes que utilizaram os prédios antigos do hospital para seus cenários, isso na virada do século.

No final de 2001, a Oigalê entra em contato com a Direção e Oficina de Criatividade de Artes Plásticas Nise da Silveira do HPSP para uma **ocupação continuada**, com ensaios, oficinas teatrais, construção e confecção de materiais cênicos, depósito e apresentações teatrais periódicas, uma proposta ousada e revolucionária na saúde e na cultura.

Em março de 2002, a Oigalê entra definitivamente no HPSP e leva ao Movimento dos Grupos de Teatro de Rua a intenção de que mais grupos participassem de um projeto de ocupação de espaços públicos ociosos. Desde então, outros grupos se uniram a esta louca ocupação e instalaram-se neste espaço.

Cada grupo, naquele momento, passou a ser responsável por um espaço ocupado e, para tanto, dadas as condições de abandono do local, realizariam diferentes benfeitorias: remover piso velho, cair as paredes, arrancar inço do pátio, reconstruir banheiros, refazer rede elétrica, arrumar telhado e calhas, etc.

Inúmeras foram as atividades fruto desta ocupação: temporadas de espetáculos, muitas apresentações de teatro de rua no hospital, entorno, na cidade, estado, país e exterior; pesquisas realizadas no contexto de cada grupo; e oficinas que contemplaram desde a comunidade dos bairros do entorno, internos, estudantes de teatro e classe artística.

Em janeiro de 2003, com a troca de governo, os grupos buscaram uma parceria junto ao Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACEN) - órgão responsável pelo teatro da Secretaria de Estado da Cultura, a fim de que tomasse frente desta “empreitada” junto aos grupos.

O IEACEN e os grupos de teatro lançam o “Primeiro Centro Cênico Estadual”, amplamente divulgado na imprensa escrita da cidade, local visto por muitos artistas, jornalistas e políticos como uma vitória para a cultura do estado. A ideia era que mais Centros Cênicos se espalhassem pelo Rio Grande do Sul, ocupando outros prédios públicos ociosos.

Em 2005, após pressão dos artistas da cidade organizados através do Movimento de Grupos de Investigação Cênica de Porto Alegre e grupos do HPSP, foi realizada uma manifestação pacífica na Secretaria de Estado da Cultura, contando com a presença de mais de 80 artistas. O contrato enfim foi assinado.

Paralelamente a estas ações políticas, a ocupação sempre aconteceu de forma racional e convicta, e os blocos se tornaram um centro de produção e apresentação teatral da cidade, transformando a imagem do próprio Hospital São Pedro e desmistificando o local como uma prisão e depósito de loucos, dando acesso aberto ao público.

Muitos dos espetáculos lá produzidos receberam premiações em Porto Alegre e em outros estados e os grupos ocupantes, neste tempo, tornaram-se referências nacionais. A história desta ocupação vem sendo relatada como uma conquista em encontros e festivais de teatro do Brasil e exterior, e é uma referência viva de interdisciplinaridade entre saúde e cultura.

²⁰ Hamilton Leite: fundador e Integrante da Oigalê; diretor e artista de rua. Formado em Artes Cênicas (licenciatura) pela UFRGS.



Mais uma história de resistência artística, surgida das necessidades dos fazedores de arte pública.



Junto à assinatura deste convênio, os grupos organizaram o evento “Porta Aberta”, cujo objetivo foi o de, durante sete dias, abrir as portas à comunidade de forma gratuita para assistir a espetáculos, realizar oficinas, trocar ideias sobre política cultural e o fazer teatral.

Porém, na troca de governo em 2006 houve um enorme retrocesso, o novo governo estadual não aceitava o contrato assinado de seção de uso e o histórico propositivo da ocupação, pressionando assim os grupos a saírem do espaço. Resistimos com apoio do público, jornalistas, comunidade artística e com a mobilização dos grupos teatrais de Porto Alegre e de mais de 80 grupos de teatro do Brasil.

Em 2011 o projeto de ocupação tomou tal magnitude que virou objeto de estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no departamento de Arquitetura e Urbanismo, através do Escritório Modelo Albano Volker (EMAV), que originou um projeto de estudo arquitetônico para os prédios 5 e 6 do HPSP com o aval do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Secretaria de Estado da Cultura, que foi construído em parceria com a Universidade Pública UFRGS-EMAV. Este projeto prevê a recuperação e restauro dos prédios e passa de 5 para 8 o número de grupos na ocupação.

Em 2014, finalmente com uma nova secretária de saúde e com uma visão propositiva e a favor da cultura e arte no HPSP, foi assinado no dia 27/03 - Dia Internacional do Teatro - o termo de intenção para ceder os pavilhões 5 e 6 do HPSP e da Secretaria de Saúde para a Secretaria de Cultura, secretaria esta que desde o início deste atual governo defendeu a permanência dos grupos. O termo tem a intenção de passar os prédios para os grupos.

Desde março de 2014 temos a última chance de tornar este projeto uma referência de ocupação cênica no nosso país, porém estamos no final do atual governo estadual e lutamos contra o relógio e a burocracia estatal. O processo se arrasta entre as secretarias envolvidas (Saúde, Cultura e Administração e Recursos Humanos) e, ao que tudo indica, o convênio de seção de uso será assinado entre agosto e setembro de 2014, com o termo de seção de uso de 5 anos, renovável automaticamente desde que a atividade fim esteja acontecendo.

Este projeto é de extrema importância para a saúde e cultura de nosso país, e que sirva de referência nacional de ocupação cênica e suporte para a arte pública e para a sociedade em geral. Pois arte e cultura para a população é saúde mental, corporal e espiritual. Toda licença à arte e à loucura.



Aqui não, Senhor Patrão!. Arte de divulgação.

UM GRITO NECESSÁRIO: AQUI NÃO, SENHOR PATRÃO!

Adailton Alves Teixeira²¹

Todo espetáculo teatral de rua começa no momento em que os artistas decidem qual será o local da apresentação, começam a dispor o material cênico nesse espaço e a dialogar com o público. A esse procedimento seus fazedores chamam de aquecimento da roda ou de público. Uma hora antes da apresentação, no calçadão da Rua Dom Pedro II, no centro de Guarulhos, os integrantes do Núcleo Pavanelli já estavam com tudo montado e brincavam entre si e com o público, anunciando, sempre em coro, o espetáculo do dia: *Aqui não, Senhor patrão!* O espetáculo ocorreu no dia 18 de dezembro de 2013, dentro da 5ª Mostra de Teatro de Rua de Guarulhos, realizada pelo Movimento Cabuçu em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. Ao longo dessa uma hora que antecedeu o espetáculo propriamente dito, o aquecimento da roda ocorreu por meio de piadas e brincadeiras, com o caráter de rebaixamento, principalmente dos atores, poesias, músicas, em que nada e ninguém são poupados, criando, assim, um clima favorável, pois desmontam qualquer hierarquia que possa existir entre atores e público. Dessa forma, todos ficaram à vontade, afinal todos estão no mesmo espaço, no mesmo nível, e o que o aquecimento pretende dizer também é que todos são iguais.

²¹ Adailton Teixeira Alves: ator, diretor; mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp; integrante do Núcleo Paulista de Fazedores e Pesquisadores em Teatro de Rua; articulador da RBTR e do MTR/SP; integrante do Buraco d'Oráculo.

Ainda antes de começar, é feito um pedido de licença ao espaço e às pessoas em forma de músicas, sobretudo indígenas e de matriz afro. A cultura dos excluídos serve para irmanar ainda mais a todos, ao mesmo tempo em que pré-anuncia o que deve vir pela frente, pois as músicas falam de exploração, de trabalho e de luta. O público é convidado para dançar, afinal, como diz um ator, “a rua é pública”. Para ilustrar que tudo pode, o ator Lucas Branco dança com um adolescente, quebrando os preconceitos que nos são impostos, de que homem não dança com homem. Anunciam os versos da canção: “Ah! Quem deu esse nó/ não sabe dá/ esse nó tá dado/ e eu desato já”.

Começa *Aqui não, Senhor patrão!* Criado em 2011, o espetáculo visa discutir a exploração do trabalhador, passando por espaços e tempos históricos distintos, demonstrando, assim, que não importa as mudanças, o trabalhador é sempre explorado por aqueles que detêm os meios de produção. O espetáculo inicia apresentando um homem e uma mulher recém casados, que buscam no trabalho o sonho de uma vida melhor. Perpassam pelo trabalho no campo, em um curtume e uma fábrica; demonstrando, em quase cem anos de história, como os mesmos não decidem sobre suas condições de vida. Se, por um lado, poderíamos achar ilógico tanto tempo de vida e de trabalho, por outro, esse casal é apenas a representação do homem e da mulher que trabalha, símbolo dos trabalhadores, não são personagens com histórias individuais, com começo meio e fim. Trata-se de um recurso épico muito interessante e os assistentes logo se identificam. Aliás, as personagens são rodziados pelos atores, não se fixando a nenhum ator ou atriz.

O Núcleo Pavanelli surgiu em 1998, unindo circo e teatro de rua. Esses dois elementos continuam muito fortes como demonstra o espetáculo em epígrafe. O circo tem deixado as cenas ainda mais teatrais, na medida em que as técnicas circenses não são utilizadas como mera exibição de habilidades, mas inseridas de forma bem contextualizada. Os malabares e a pirofagia, por exemplo, ilustram o excesso de trabalho e de exploração, a acrobacia, uma luta entre dois trabalhadores.

O grupo sabe que arte e sociedade não estão separados e que seus criadores não devem se furtar a discutirem seu tempo histórico. Assim, o espetáculo tem recurso didático e as músicas cumprem um grande papel. Em uma delas, por exemplo, perguntam: “Quem hoje sabe o que é luta de classes? Quem luta pelo que não sabe?” O espetáculo vai se desenvolvendo para que o trabalhador tome consciência que apenas juntos podem realizar algumas conquistas, enfrentar o patrão. Assim, finaliza em uma greve – que sabem ser apenas um primeiro passo da luta – à qual o público adere. Bastante simbólica a união entre público e atores, ambos trabalhadores. Assim, o espetáculo inicia criando a possibilidade de igualdade entre cena e assistência, entre atores e público, e se encerra com todos irmanados por uma causa comum: a luta contra um sistema desagregador e explorador, luta simbolizada em forma de greve.

O espetáculo é bastante musical, tudo executado ao vivo. As músicas ora envolvem, ora distanciam, ora explicam. A música é tão forte que, em uma cena em que tudo ocorre por meio da fala – a cena em que o patrão faz o pagamento mensal –, fica um pouco mais lenta em relação às demais.

Ao término do espetáculo, os atores deixam claro que os padrões encontraram outras formas de exploração e que a greve é apenas um passo na organização, por isso o Núcleo Pavanelli se junta a movimentos sociais que têm a perspectiva de acabar com a exploração do homem pelo homem.

Depois, o microfone fica aberto para quem quiser falar. Destaco duas falas. Primeiro, a de um senhor, que disse ser morador de rua, que agradeceu pelo espetáculo e afirmou que, por viver em condição de rua, não o deixam trabalhar - é um desterritorializado do trabalho; a segunda fala veio de uma criança, Jéssica, que disse ter um sonho: gostaria que, quando crescesse, fosse respeitada, já que sua mãe, no trabalho dela, não é. Denúncias claras de um sistema que oprime, explora e nos separa de nossa humanidade.

Depois disso, vem a festa, um maracatu, pois como afirmou o ator em cena: “não existe revolução sem festa”. O espetáculo denuncia, ensina e festeja com o público, afinal, como escreveu Paulo Leminski em *Toda poesia* (2013):

em la lucha de clases
todas las armas son buenas
pedras
noches
poemas

Por fim, importante registrar o nome de quase todos que participaram desse processo. Atores: Beatriz Barros, Lucas Branco, Marcelo Roy, Mizael Alves, Otávio Correia, Sabrina Motta, Sidney Herzog e Tiago Cintra. Direção de Marcos Pavanelli. Direção musical de Charles Raszl, Dramaturgia de Simone Brites Pavanelli, com orientação de Calixto de Inhamuns.



Aqui não, Senhor Patrão! Guarulhos/SP. Foto de Narizinho.

Em 2013, além das ações em São Paulo, o Núcleo Pavanelli colocou o pé na estrada com os espetáculos **Aqui não, Senhor Patrão** e **O Básico do Circo**, através dos prêmios Artes Cênicas de Rua e Myriam Muniz.



Estivemos em estados e cidades onde grupos parceiros já desenvolvem um trabalho permanente e de continuidade. Nosso projeto “**Movimento Cidadão pela Cultura**” é o de contribuirmos com esses trabalhos, levando nossos espetáculos e promovendo a troca entre os grupos. Para nós, foram experiências incríveis! Gratidão aos parceiros do Estado de São Paulo: **Projeto Bazar** e **UNIESP** (São Paulo); **Cia As Marias** (São Bernardo do Campo); **Cia dos Ventos** (Osasco); **Grupo Populacho e Pic Nic** (Guarulhos); **Circo Teatro Rosa dos Ventos** e **Mamatchas** (Presidente Prudente); **Nativos Terra Rasgada** (Sorocaba); **Coletivo CÊ** (Votorantim); **Teatro Girandolá** (Francisco Morato); **Assentamento Milton Santos** (Americana), **Conservatório Dramático e Musical de Tatuí** e **Adriana Oliveira** (Tatuí).

E aos grupos de outros Estados: **Grupo Experimental de Teatro de Rua e Floresta Vivarte** e **Grupo Jabuti Bumbá**, de Rio Branco/AC; e Grupo **O Imaginário**, de Porto Velho/RO.

Até breve!

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS GRUPOS DE TEATRO DE RUA NOS ÂMBITOS MUNICIPAL, ESTADUAL E FEDERAL

Movimento de Teatro de Rua de São Paulo

O mundo é mais feliz nas ruas

Luis Carlos Checchia²²

Uma das maiores ideologias disseminadas no país é a de que brasileiros e brasileiras constituem um povo pacífico. Diferentemente disso, a história do país é repleta de revoltas, greves e mobilizações. E de movimentos organizados. Dessa forma, o Movimento de Teatro de Rua de São Paulo, o MTR-SP, faz parte de uma longa tradição de luta de trabalhadores e trabalhadoras por mudanças ainda represadas no horizonte da história. Por isso, lutar pelo MTR é lutar por demandas muito maiores do que o próprio teatro de rua. Premido pelo seu tempo histórico, para pensar e falar sobre o MTR é preciso falar de três pontos que considero fundamentais para compreendê-lo. O primeiro ponto diz respeito à relação entre o teatro de rua e o teatro de grupo como um todo; o segundo é a relação do MTR e o contexto político em que se desenvolve, sobretudo a sua relação com o chamado lulismo; por fim, o terceiro ponto aborda os seus desafios internos atuais e futuros. Vamos a eles.

O teatro de rua praticado hoje no Brasil é o bom e velho teatro de rua de todos os tempos, nascido nas mais antigas civilizações e realizado pelos mais antigos povos. Mas também não é mais aquele bom e velho teatro de rua de todos os tempos, ao contrário, é um teatro contemporâneo, que dialoga com novas técnicas e poéticas, que se volta para frente muito mais do que para o passado. O teatro de rua do Brasil, hoje, e mais especificamente aquele realizado em São Paulo, guarda uma dupla natureza: usando conceitos elaborados pelo marxista galês Raymond Williams, o teatro de rua é uma *forma residual*, ou seja, uma expressão nascida em um outro tempo, já passado, que ainda encontra espaço no presente, são tradições, memórias, hábitos herdados e mantidos. Assim o teatro de rua é a tradição mantida viva, tradição popular e matreira, com o seu humor peculiar, zombeteiro, poético e ancestral. Entretanto, durante a década de 1970, surge no Brasil uma nova forma teatral, o teatro de grupo, fruto das contradições políticas e econômicas de seu tempo. Por sua natureza contra-hegemônica, o teatro de grupo já nasce sem local, sem reconhecimento oficial, o mundo do teatro de grupo só pode ser o devir: contradição de seu tempo, a garantia de existência do teatro de grupo significa ou a capitulação à lógica do capital, na condição de eterno precarizado, ou a luta constante pela transformação da realidade. Nesse sentido, o teatro de grupo moderno, surgido nos anos de 1970, surge como *forma emergente*. Quando o teatro de rua e o teatro de grupo se encontraram - seja pela ação de alguns grupos que por diversos motivos resolveram “experimentar” a rua, seja porque tradicionais artistas das ruas resolvem conhecer os novos grupos - operou-se uma intrigante modificação no primeiro, que passou a se apropriar de percepções e conhecimentos do teatro de grupo, passando a ser, inclusive, parte dele. Assim, de *forma residual*, o teatro de rua passou a ser, também, *forma emergente*, e a luta por um outro mundo passa a ser também sua luta.

Essa dupla natureza do teatro de rua, nem sempre bem percebida por aqueles que o praticam, está presente também dentro do combativo Movimento de Teatro de Rua de São Paulo, o MTR-SP. Mas para compreender o quanto essa dupla natureza interfere no cotidiano do MTR, é preciso digredir um pouco sobre a história do movimento. O MTR nasce da ação independente de sete grupos de teatro de rua chamada *Se Essa Rua Fosse Minha*, em 2002, não coincidentemente, o mesmo ano em que o Partido

²² Luis Carlos Checchia: diretor e dramaturgo da Cia. Teatro dos Ventos; historiador e mestrando em Ciências Humanas pelo Diversitas-FFLCH/USP. Integrante do coletivo Arte na Pólis de Teatro de Grupo de Osasco, do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo e da Rede Brasileira de Teatro de Rua”.

dos Trabalhadores chega ao governo federal por meio da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. A chegada do PT ao poder é emblemática por vários motivos: primeiramente pela instituição do chamado lulismo, lógica política apontada pelo filósofo André Singer segundo a qual o presidente assumiu a função de árbitro entre as vontades e anseios das classes menos beneficiadas e os interesses das elites; essa arbitragem permitiu ao governo promover as mais profundas mudanças econômicas já vistas nesse país, abrindo as portas do consumo a milhares de pessoas antes apartadas de qualquer possibilidade de vida econômica ativa.

Entretanto, essas mudanças, por serem realizadas dentro dos mais estritos limites do capitalismo, permitiram ao grande capital lucros nunca pensados anteriormente, inclusive em um período de profunda crise do capital. Além disso, a manutenção desse “acordo” entre as classes se construiu sobre uma base extremamente perigosa: um pacto com os setores mais conservadores e reacionários da sociedade, levando para as fileiras aliadas do governo petista figuras como Paulo Maluf, Jair Bolsonaro, Marcos Feliciano e Blairo Maggi. Pois bem, esse imenso “desvio de rota” do Partido dos Trabalhadores mergulhou a esquerda brasileira naquilo que Raymond Williams chamou de Estrutura de Sentimentos, um momento histórico em que os paradigmas de um tempo se fragmentam, se esfacelam, fazendo com que todas as possibilidades e alternativas, até então represadas, agitem-se, movam-se com força e violência, até que, em um determinado momento, alguma delas, ou um conjunto delas, assumem a posição de paradigma e as demais possibilidades e alternativas submergem novamente e ficam ali, novamente represadas e em compasso de espera. Hoje a esquerda brasileira se encontra nesse momento. Perdida a sua grande referência por décadas, o Partido dos Trabalhadores, a esquerda vive um momento de confusão, momento difuso, no qual suas várias forças e organizações se agitam, buscam orientar as demais, buscam estabelecer propostas e alianças, mas, por enquanto, sem grandes sucessos. O MTR-SP percebe-se, desenvolve-se em um período de grande confusão na esquerda, sem referências ou experiências de outrem que se possa assimilar. Neste sentido, o movimento precisou, para se organizar, criar suas próprias lógicas, seus próprios métodos e procedimentos. Lembrando a já batida, mas ainda útil imagem de se trocar os pneus com o carro em movimento, o MTR-SP é um movimento que desde o seu nascimento tem buscado manter a coesão dos grupos que o integram, dar conta de compreender qual o seu lugar no mundo e ainda atrair novos grupos para o movimento. Nesse processo de trocar os quatro pneus com o carro em disparada, o MTR-SP tem construído sua lógica, tentando manter em pauta sua dupla natureza, ou seja, garantir a tradição, a memória, as origens do teatro de rua, mas enfrentar a luta pelo amanhã, pelo futuro, a luta pela construção de uma nova realidade. Isso não é pouca coisa.

A roda da História gira sem tréguas, e seus giros impuseram ao MTR-SP alguns desafios que precisam ser superados. O primeiro deles é trazer para seus debates a tensão entre os dois aspectos que formam sua natureza, a de ser uma forma residual e, ao mesmo tempo, uma forma emergente. É preciso perceber tal especificidade e conseguir abrir espaço para que ambas tenham suas demandas reconhecidas nas bandeiras do movimento. Além disso, falta ao MTR-SP capilarizar-se mais no estado de São Paulo. Formado em 2002, como uma ação entre grupos da capital, o MTR-SP realizou seu primeiro encontro estadual apenas em 2013, por conta disso, enquanto as pautas da capital estão estabelecidas há muito, as pautas estaduais são incipientes, provocando uma assimetria nas lutas e na solidariedade entre os grupos da capital e os grupos do interior, do litoral e da grande São Paulo. Por fim, é preciso que o coletivo encontre processos decisórios internos mais ágeis. Atualmente, o MTR-

SP considera qualquer ponto de discussão resolvido apenas quando sua solução é aceita por todo o coletivo, em consenso. Embora o consenso vise construir coletivamente uma solução eficiente, a falta de arbitragem ou de qualquer outra forma de mediação leva à exaustão e à demora em resolver os temas mais polêmicos, que mais afetam as pessoas que integram o MTR-SP e, por conseguinte, faz com que os temas menos polêmicos e de menor importância encontrem facilidade de solução.

Estamos vivendo um momento crítico em nossa história: o recrudescimento do pensamento conservador, a militarização da sociedade e a repressão dos movimentos sociais e populares criam um cenário político que exige muita mobilização e organização social. Cada vez mais se faz necessário assumirmos nosso papel na luta pelo chamado direito à cidade. Lutar pela cidade é desafiar a lógica hegemônica do capital, é inverter, ainda que momentaneamente, seu fluxo reificado e monótono. Por sua natureza contra-hegemônica, por fazer da rua espaço do encontro criativo e participativo, o teatro de rua tem uma função de relevo nessa luta. Combatendo no chamado campo simbólico, o teatro de rua desperta novas subjetividades, provoca novas percepções sobre temas cotidianos, além de promover debates pertinentes e necessários. Por isso, talvez o maior desafio do MTR-SP seja reinventar-se, descobrir-se cotidianamente para descobrir o mundo que precisa ser mudado. O mundo anda muito triste, fechado, é preciso fazer dele uma rua larga e povoada. É para essa rua que fazemos o nosso teatro.



De 3 a 8 de dezembro de 2013, aconteceu da **8ª Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas**, realizada pelo MTR-SP, Movimento de Teatro de Rua de SP.

Neste ano, a Mostra teve dois objetivos principais: celebrar os **10 anos do Movimento** e construir, a partir de sua programação com os espetáculos e diversos espaços de conversa como o “Roda de Prosa” e o **1º Encontro Estadual de Teatro de Rua**, uma maior integração dos fazedores de teatro de rua de todo o Estado.

A 8ª Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas, em comemoração aos 10 anos do Movimento de Teatro de Rua-SP, traz para as ruas da cidade o lema: **A Rua é Nossa! A Arte é Pública!**



Um relato descartável acerca do I Encontro Estadual de Teatro de Rua**

Letícia Carvalho²³

“Nada é impossível de mudar. Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar”.

Bertold Brecht

Em dezembro de 2013, na Zona Leste da capital paulistana, numa ocupação política, cultural e comunitária, chamada CDC Vento Leste, articuladores de várias partes do Estado do SP, junto com parceiros de Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, abriram o I Encontro Estadual de Teatro de Rua. Plano antigo que se realizou entre as comemorações de 10 anos do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo, na oitava edição da Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas.

Diferentemente dos dias de Mostra que antecederam a este, experimentamos cuidar da nossa infraestrutura em mutirão. Dizem alguns linguistas que essa palavra vem do tupi, de *potiron*: *po* significa mão e *tiron*, juntas. E foi bem o que fizemos: juntamos nossas mãos de diferentes lugares e grupos e fizemos deliciosas comidas. Limpamos e cuidamos juntos do nosso espaço compartilhado.

Em meio à vivência coletiva, desabafamos nossas dificuldades cotidianas, discutimos conjunturas, estreitamos laços, retomamos parcerias, cantamos, aquecemos ideias e ideais. Inventamos tempo e espaço para pensar políticas públicas para a Cultura, formação em teatro de rua e a organização necessária para seguir em luta.

Em pequenos grupos de trabalhos, nos atentamos em ouvir diversos sotaques e experiências que foram compartilhadas em propostas, e que serviram de base para a discussão geral com todos os presentes. Ao som do Trem de Cordas, com muitos questionamentos e rascunhos de mudança, embalamos para viagem o fim de um dia produtivo.

Na manhã seguinte, partimos rumo a outra ocupação política, cultural e comunitária, o Centro Cultural Arte Em Construção, na Cidade Tiradentes, Zona Leste mais leste ainda, a 35 Km do Centro de SP. Recebidos pelo Grupo Pombas Urbanas, conhecemos este enorme espaço de resistência, construído com muita dedicação por essas guerreiras e guerreiros periféricos. Subindo novas escadas de madeira, comemoramos juntos salas de aula/ensaio recém terminadas, vimos fotos de várias turmas de teatro e circo formadas neste espaço, conhecemos o anfiteatro Ventre de Lona e a forte história do dramaturgo, diretor teatral e militante Lino Rojas.

De acordo com a programação, teríamos um tempo destinado a escrever um documento, seguindo os modelos de encontro da RBTR, onde um pequeno grupo se junta e escreve uma carta que é depois aprovada em assembleia. Em vez disso, produzimos juntos muitas cenas.

Em uma sala com cerca de 30 pessoas, em grupos heterogêneos, iniciamos sequências de cenas rápidas, mudas e improvisadas.

Cenas e cenas se seguiram, teatros de vários grupos e cidades e público da região, todos juntos e misturados, não queriam parar de encenar. A brincadeira trouxe de forma descontraída a construção de pensamentos. E nos aproximamos ainda mais. Por alguns momentos, outras formas de participar foram inventadas. Nos comentários, ouvimos o depoimento desses moradores antigos do bairro para os quais o nosso trabalho artístico-político faz uma enorme diferença em suas vidas, em suas famílias. Entre nós, tivemos uma degustação do que pode acontecer quando lançamos nossos corpos aos encontros produtivos. E não pudemos deixar de imaginar o quão poderoso seria se estivéssemos na rua.

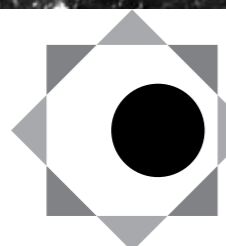
Plenos de alegria e com muito trabalho pela frente, encerramos, ao som das Clarianas, o I Encontro Estadual de Teatro de Rua e a 8ª Mostra Lino Rojas. Sinto que esse Encontro teve dois papéis políticos importantes: o primeiro, definir metas, organizar diretrizes para o movimento; e o segundo, nos aproximar e nos preparar. Pequenas ações podem carregar velozes contágios. Nestas discussões, criamos territórios de aprofundamento e fortalecimento de nossos pensamentos e práticas.

Sabemos que nossas lutas nos movimentos sociais e como trabalhadores da cultura passam por um recesso. A responsabilidade de cavar novamente as trincheiras necessárias é também nossa. Assim como a de inventar outros modos de vida, outros sujeitos, outros desejos. Não somos poucos e nem estamos sozinhos. Precisamos de mais ações e de mais memória para que nossos cotidianos atarefados não nos paralisem. O movimento se movimenta e se avalia a partir de seu movimento, e em movimento. Espero que nossas crises nos impulsionem e que não nos esqueçamos de que nada é impossível de mudar.



Estandarte do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo.. Foto de Augusto Paiva.

²³ Letícia Carvalho: integrante do coletivo Dolores Boca Aberta Mecatrônica de artes, articuladora do MTR/SP e especialista em análise institucional e esquizoanálise.



Rede Brasileira de teatro de rua



XV Encontro da RBTR/ Rio de Janeiro/2014. Foto de Ratão Diniz.

A Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR), criada em março de 2007 em Salvador/BA, é um espaço físico e virtual de organização horizontal, sem hierarquia, democrático e inclusivo. Todos os grupos de teatro, trabalhadores (as) da arte, pesquisadores (as) e pensadores (as) envolvidos com o fazer artístico de rua, pertencentes à RBTR, são seus articuladores (as) para, assim, ampliar e capilarizar, cada vez mais, reflexões e pensamentos, com encontros, movimentos e ações em suas localidades.

O intercâmbio da RBTR ocorre de forma presencial e virtual, entretanto, toda e qualquer deliberação é definida por consenso nos encontros presenciais. Os seus articuladores realizam dois encontros anuais em diferentes regiões brasileiras, contemplando as várias regiões do país.

NOSSO GRITO SERÁ SEMPRE PELA ARTE PÚBLICA!!

Agosto de 2013 - XIII Encontro da RBTR - Área Viva - Rio Branco/AC

Além dos debates e demandas específicas da RBTR, este encontro fortaleceu os artistas locais e originou a **PUIPSI- Rede Acreana dos Movimentos Populares**

Puipisi é uma formiga que tem a função de colocar para fora tudo que está escondido, fazendo uma verdadeira limpeza no local. Esta é a proposta principal deste movimento artístico, construído horizontalmente, a várias mãos, sendo de suma importância a participação de artistas e de todas as expressões culturais dos Povos Tradicionais da Floresta. Os Txai, juntamente com os Nawá (expressão linguística indígena que corresponde a homem branco), se reuniram este ano nas terras indígenas de Feijó nos dias 30 e 31 de agosto, e por lá permaneceram para prestigiar a Estrela do Yuxibu. Durante dois dias de Encontro da Puipisi - Rede Acreana dos Movimentos Populares de Rua e Floresta, foi debatida, em Rodas de Conversa, a temática "Ambientalismo e Cultura", havendo, sempre, após estes debates, a práxis artística com intervenções culturais, juntamente com Povos da Floresta. Haux, Haux!!

Março de 2014 - XIV Encontro da RBTR - Londrina/PR

Organizado pelo Movimento de Artistas de Londrina - MARL

Setembro de 2014 - XV Encontro da RBTR - UPAC - Rio de Janeiro/RJ

O Núcleo Pavanelli participou em 2013 e 2014 do **Congresso da Universidade Popular de Arte e Ciência**, fundada em 2010 com sede no Hospital Psiquiátrico Pedro II, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro/ RJ, renomeado Hotel da Loucura, com uma ação pontual chamada **OCUPA NISE**, que acontece uma vez por ano e agrega médicos, psicólogos, artistas e todos aqueles que se sentem chamados a construir e compartilhar um novo processo de cura e transformação da sociedade, absolutamente democrático, participativo, inclusivo e colaborativo.

Seguimos, de 01 a 07 de setembro de 2014, rumo ao Rio de Janeiro, **4º Congresso da UPAC, 3º OCUPA NISE e XV Encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua.**

Gratidão ao OCUPA NISE, que recebeu de braços abertos a RBTR!

O *III Caderno do Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua* tem um capítulo dedicado exclusivamente à UPAC, com relatos e textos de alguns participantes.

E a RBTR? Cantou, dançou, balançou, discutiu suas pautas, cortejou e produziu sua carta e um manifesto.

O movimento gera reflexão e reflexão gera luta!

EVOÊ!!!

MANIFESTO POR UMA ARTE PÚBLICA

Isso não é um protesto, é uma proposta!

O moderno nasce velho. Só a consciência de nossa existência no planeta pode nos dar algum sentido e abrir caminho para o futuro. O ser humano que quer ser moderno perde o contato com o eterno. Somos gregários, vivemos em sociedade e lutamos para nos organizar coletivamente, de maneira que todas as necessidades, coletivas e individuais, possam ser igualmente realizadas. Nosso fazer, na montagem de um espetáculo, por exemplo, nos obriga a enfrentar essas questões.

Isso não é um protesto, é uma proposta!

Arte é obra pública feita por particular. Obra pública é entrega, de nós mesmos para a coletividade. Fazemos isso com nossos melhores sentimentos, mesmo que seja para mostrar as piores contradições. Oferta gratuita. Arte orgânica, não-transgênica. Criação conjunta de artistas e público. Troca, experiência, contato. O ser humano que não vive sua criatividade, inevitavelmente adocece. Arte pública produz saúde pública.

Isso não é um protesto, é uma proposta!

Arte que é de todos, que pertence a todos e é conhecida por todos, que não se mantém adstrita ao particular, que não tem dono, que não se vende e nem se compra. Em qualquer lugar, para todo e qualquer público. Fazer arte pública significa educar-nos e reeducar, no momento mesmo de seu partilhamento. Arte que não é entretenimento. Que provoca e questiona. Arte pública produz educação pública.

Isso não é um protesto, é uma proposta!

Éramos quase invisíveis no começo dos anos 80. Parecia que íamos morrer atacados por espaços fechados privatizados sem apoio das elites e das classes patrocinadoras.

Mesmo assim nos tornamos centenas, espalhados e organizados pelo Brasil todo! Redescobrimos o caminho da rua, reencontramos o sentido da arte pública, aquela que inclui, que re-liga a comunidade, aquela que não exclui. Mostras, festivais, encontros, espetáculos, intercâmbios, ocupações culturais, sedes, grupos... O crescimento é concreto e real, movido pelas circunstâncias históricas e pela transformação perversa do produto cultural em produto submetido às regras do mercado.

Isso não é um protesto, é uma proposta!

O Sistema Nacional de Cultura não nos serve. A reforma da Lei Rouanet, chamada Procultura, não nos contempla porque mantém uma arte-mercadoria, uma arte propaganda, uma arte condenada aos interesses de seus patrocinadores. Não funciona. É reforma e especulação. Não nos inclui. Queremos leis de fomento às artes públicas, nos âmbitos municipais, estaduais e federal. A única coisa que pode acabar com esta violência é uma política de Estado para a cultura.

Isso não é um protesto, é uma proposta!

A Rede Brasileira de Teatro de Rua encontra-se duas vezes por ano, com articuladores e articuladoras de todos os estados do país, que, a partir dessa prática, multiplicam, pelas praças, caatingas, cerrados, florestas, campos, periferias, ruas e vielas, inúmeras ações de arte pública. (XV Encontro da RBTR, Hotel da Loucura/Universidade Popular de Arte e Ciência)

RBTR

[Engenho de Dentro/Rio de Janeiro. 05 de setembro de 2014]

CENTRO DE PESQUISA PARA O TEATRO DE RUA RUBENS BRITO

Em 2013/2014 o CPTR deu continuidade ao processo de formação e pesquisa do Núcleo Pavanelli com ações práticas e teóricas. Todas elas foram voltadas para o processo de montagem do novo espetáculo do grupo, que inclui, além das linguagens que o grupo já utiliza - circo e música ao vivo -, uma pesquisa da cultura popular paulista.

Nessa caminhada destacamos alguns grupos que visitamos e que recebemos na Feira de Arte Pública, aos quais agradecemos imensamente e com quem contamos na certeza de novos encontros.

Filhos de N'Zambi - grupo de Congada de São José dos Campos

Mistura de Raça - grupo de Jongo de São José dos Campos

Veteranos da Catira Martins - grupo de Catira de Jacareí

Filhos da Quadra - grupo de Samba Caipira de Quadra

Zanza - grupo de danças populares brasileiras de Embu das artes

Ações práticas:

- Treinamentos circenses, coord. Marcos Pavanelli
- Treinamentos em musicalização, coord. Charles Raszl
- Oficina de danças populares brasileiras, coord. Karla Magalhães
- Oficina de percussão e de samba caipira, coord. Luiz Bastos

Ações teóricas:

- Curso de Mitologia, com Calixto de Inhamuns
- Palestra sobre Anarquismo, com Luis Carlos Checchia
- Palestra sobre as questões indígenas em Rio Branco, com Keã e Juliano Espinho
- Curso de formação política, com Luiz Scapi

RETROCESSO TOTAL NA UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE SÃO PAULO

Em maio de 2013 foi publicada a lei 15.776 que dispõe sobre a apresentação de artistas de rua em logradouros públicos, garantindo a livre expressão sem a necessidade de autorizações prévias. Essa lei aparece como um avanço na cidade de São Paulo e facilita muito o trabalho de tantos artistas trabalhadores.

Mas, em 2014 vem um decreto que a regulamenta e se contrapõe a ela em vários artigos, restringindo em muito a atuação de grupos de teatro de rua, artistas de rua e artesãos e retoma a necessidade dos pedidos de autorização, além da cobrança da taxa de uso do solo.

Em um momento onde o Movimento de Teatro de Rua de São Paulo e a Rede Brasileira de Teatro de Rua vem cada vez mais discutindo sobre o conceito de arte pública, o direito à cidade e o papel da arte, esse decreto surge como um grande retrocesso, mais uma barreira a ser transposta, mais uma luta a ser travada!





Pré-estreia do espetáculo *Dia de Benedito*/ Jardim Julieta/ 2014. Foto de Camila Morelli.



Feira de Arte Pública/ Jardim Julieta. Foto de Juninho Sendro.

Quando foi que perdemos a esperança?

Quando foi que deixamos de acreditar no navio que nos levou a tantas terras desconhecidas?

Nas ruas por onde navegamos as crianças ainda sorriem...

Nos marcam, compartilham de nossas piadas tristes...

Em qual praça ficou enterrada nossa vontade?

Curtiu?

Criou asas?

Mas achava que asas eram feitas para liberdade...

O amargo nos tirou o doce ingênuo da primeira vida

As melhores palhaçadas ainda são as amargas

As que abrem os olhos com aperreio

Arrancam risadas e receios

Arranham os narizes profundamente...

A cura é sempre dolorida

Não importa em qual das vidas

Olhar bem

Ver tudo,

Fadiga-te

Levântatelo!

Mas o buraco em que entramos só se sai quando tantos juntos caíram que só as figuras formadas te podem elevar à luz tão desejada...

Te transforme em tua outra, AGORA.

Jéssica Duran²⁴

²⁴ Jéssica Duran: estudante de licenciatura em arte teatro na Unesp, atriz integrante do Núcleo Pavanelli.

Caio Dezorzi²⁵

Em junho de 2013, um maravilhoso movimento eclodiu no Brasil. Ao todo, milhões de pessoas saíram às ruas por todo o país, em centenas de cidades, num período de menos de duas semanas. Protestavam centralmente contra o aumento das tarifas do transporte público e contra a repressão policial. Acuados, os governantes revogaram o aumento das tarifas e diversificaram as formas de repressão. As massas, sem um programa comum, saíram das ruas, mas podem voltar a qualquer momento.

O Estado burguês amplia e aperfeiçoa a repressão. Pisa em qualquer resquício de “direitos democráticos”. O Judiciário aprofunda a criminalização dos movimentos sociais. O Legislativo aprova leis que qualificam qualquer manifestação reivindicatória como crime ou terrorismo. O Executivo põe as forças armadas nas ruas contra os manifestantes, usando a chamada GLO (Garantia da Lei e da Ordem). Na verdade, a burguesia busca adequar o aparato de Estado às suas necessidades para enfrentar a nova situação onde a crise internacional se aprofunda e cada vez mais faz erodir a fina camada da encosta que sustenta a aparente estabilidade da economia brasileira.

O governo de coalizão encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores aplica uma política de colaboração de classes e segue transferindo a riqueza do país para os especuladores nacionais e internacionais através das privatizações e do pagamento da dívida pública, em detrimento de investimentos em saúde, educação, moradia, reforma agrária etc. Uma crise de representatividade percorre todo o movimento operário organizado, com cisões nas direções sindicais e crescente disposição de combatividade da base, inclusive nos sindicatos controlados pela cúpula cutista. E é nesse contexto que a FIFA exige praticamente um “regime de exceção” para a realização da Copa do Mundo, em junho de 2014.



Charge do ilustrador e cartunista Lattuf (2011).

O que levou as massas às ruas?

Claro que não foram apenas os 20 centavos! Em janeiro de 2011, a tarifa de ônibus em São Paulo subiu de R\$ 2,70 para R\$ 3,00, ou seja, 30 centavos e, no entanto, não mais do que 5 mil pessoas saíram às ruas contra o aumento. Foram realizadas manifestações semanais durante mais de 2 meses. Houve muita repressão policial, e não houve adesão das massas ao movimento.

Cotidianamente a polícia reprime a juventude nas periferias de São Paulo, do Rio de Janeiro e de todos grandes centros urbanos e pouquíssimos saem às ruas para protestar. Chacinas ocorrem aqui e acolá e as massas seguem sua rotina habitual.

Na verdade, o que estamos vendo é um fenômeno bastante conhecido pelos marxistas: a lei dialética da transformação da quantidade em qualidade e da qualidade em quantidade. O acúmulo de uma série de eventos nos últimos anos levou a uma situação insustentável, de tal forma que uma única gota d'água poderia fazer transbordar o copo. No Brasil, a gota d'água foi a repressão violenta da PM (Polícia Militar) de São Paulo contra os jovens que lutavam por uma causa justa: a revogação do aumento das tarifas do transporte coletivo.

A gota d'água fez o copo transbordar, mas quando ele transborda, tudo o que estava acumulado, que ajudou a encher o copo nos últimos anos, começa a vir à tona. E então nem é mais a última gota d'água o mais importante. As tarifas foram reduzidas, mas as pessoas continuaram saindo às ruas. Do dia para a noite, parece que tudo se tornou urgente. De repente, quem nunca participou de uma manifestação na vida agora saía às ruas querendo mudar o país, mudar o mundo.

Mas é preciso compreender: o copo transbordou em um momento de despolitização. Não foi resultado de um processo de construção política do período anterior. Pelo contrário, na sua maioria jovens, os que saíram às ruas para expressar sua indignação eram vítimas de um processo de enorme retrocesso político impulsionado principalmente pela política de colaboração de classes levada a cabo nos últimos anos pela direção do PT. O clima nas manifestações era de “fora todos”, mas longe de ter algo a apresentar para colocar no lugar. A burguesia assim encontrou terreno fértil para manipular os manifestantes. A história nos diz: a política de colaboração de classes, em última instância, conduz ao fascismo.

As táticas da burguesia

Para a burguesia, para os donos das empresas de ônibus e para os governantes – Governador Geraldo Alckmin (PSDB) e Prefeito Fernando Haddad (PT) – revogar o aumento das tarifas em São Paulo estava absolutamente fora de cogitação. Esperavam que o movimento agrupasse novamente apenas alguns milhares (que para uma cidade do tamanho de São Paulo é pouco) e com a repressão e o cansaço, após algumas manifestações, o movimento dispersasse, como nos anos anteriores.

Nos primeiros atos (6 e 7 de junho), a PM reprimiu fortemente toda vez que os manifestantes tentaram bloquear alguma via e, por outro lado, a mídia burguesa buscava convencer a todos de que os manifestantes eram baderneiros e vândalos.

Entretanto, apesar da repressão policial e dos problemas de direção do MPL (leia artigo publicado em 12/06/2013 em marxismo.org.br: “É preciso organizar o movimento contra o aumento das tarifas para chegar à vitória!”), a adesão ao movimento foi cada vez maior. No 3º grande ato (11/06), mais de 15 mil pessoas marcharam por São Paulo debaixo de forte chuva. Novamente houve repressão da PM e já se podia notar entre os manifestantes alguns provocadores que claramente eram infiltrados da polícia para incitar atos de vandalismo e assim buscar “legitimar” a repressão diante da opinião pública.

²⁵ Caio Dezorzi: Professor formado pela Unesp em Artes Cênicas, é dirigente da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (marxist.com).

Um setor da burguesia, que controla o Ministério Público de SP (MP-SP), propôs um acordo, onde se dirigiria ao governo estadual e à prefeitura para que estes suspendessem o aumento por 45 dias e, em contrapartida, o MPL não convocaria nenhuma manifestação nesse período. Seriam promovidos debates, audiências públicas, etc.

O objetivo deste setor da burguesia que controla o MP-SP era buscar jogar um balde de água fria no movimento que vinha crescendo dia a dia. Como se fosse pedir um tempo técnico numa partida de futebol quando o adversário está pressionando muito próximo da grande área. Queriam ganhar tempo para melhor organizar o time deles e as táticas para derrotar o nosso movimento.

Com essa mesma avaliação, do outro lado, um outro setor da burguesia levou o governador Geraldo Alckmin e o prefeito Haddad a recusarem o acordo proposto pelo MP-SP. A linha deste setor da burguesia era outra: não ceder nada!

Em menos de 3 dias teria início a Copa das Confederações no Brasil e todos os olhos do mundo estariam voltados para cá. O governo não podia aceitar o acordo proposto pelo MP-SP, mas também não podia mais seguir a tática de esperar o movimento dispersar-se com o cansaço. Para eles era preciso dar um basta logo! Esmagar o movimento naquela semana!

Alckmin vai à imprensa em 12/06 e diz que para o ato do dia seguinte a tolerância seria zero. O ministro da justiça, José Eduardo Cardozo (PT), oferece ajuda a Alckmin e Cabral para reprimir as manifestações em SP e no Rio. Pelotões da PM se espalham pelas ruas ao redor e, antes mesmo do ato começar, milhares de pessoas que passavam por ali foram revistadas pela polícia. Todos que carregassem vinagre em suas bolsas e mochilas eram presos, inclusive a imprensa. Algumas centenas foram presos e passaram horas na delegacia de polícia até serem liberados. O argumento da polícia era de que as substâncias eram suspeitas e poderiam conter material inflamável para produzir explosivos. Os cidadãos presos só seriam soltos após a perícia averiguar o vinagre (que é usado para minimizar os efeitos do gás lacrimogêneo, além de ser uma substância absolutamente inofensiva e tempero comum na culinária brasileira).

Apesar de toda intimidação e repressão, o ato reuniu cerca de 10 mil pessoas em frente ao Teatro Municipal. A PM não estava escoltando a passeata como no ato anterior. Não podíamos ver os policiais, apenas ouvíamos os helicópteros. Agentes policiais infiltrados, disfarçados dos manifestantes mais diversos, ficavam o tempo todo ao telefone celular informando como e por onde seguiam os manifestantes.

Quando a manifestação chegou à altura da Rua Maria Antonia, um batalhão da Tropa de Choque da PM bloqueou a subida da Rua da Consolação. Outro batalhão se posicionou na retaguarda da manifestação e um terceiro batalhão chegou pelo flanco direito, cercando os manifestantes que tinham como única saída seguir pela Praça Roosevelt, à esquerda. O que se seguiu aí foi um massacre. Os três batalhões da tropa de choque começaram a disparar todo armamento não letal de que dispunham contra a multidão. Pessoas que nada tinham a ver com a manifestação eram gratuitamente agredidas pela Polícia. A impressão que se tinha era de que a ordem era para tirar qualquer pessoa das ruas. Mas São Paulo é uma cidade que nunca para. Não dá para varrer o centro da cidade! Até quem estava nas janelas e varandas de seus apartamentos, apenas olhando o que acontecia ou às vezes filmando com seu celular etc, recebeu balas de borracha da PM!

Além de agredir gratuitamente qualquer transeunte, a PM começou a reprimir brutalmente a imprensa. Todos os fotógrafos, cinegrafistas, jornalistas começaram a ser atacados com balas de borracha. Uma jornalista de um jornal de grande circulação levou um desses tiros no olho, a quadras de distância da manifestação! Um fotógrafo ficou cego. Centenas de presos sofreram agressões e assédio moral. Garotas presas ou abordadas pelos policiais sofreram diversos tipos de abuso.

O tiro saiu pela culatra: as massas entram em cena

No Rio de Janeiro, uma grande manifestação no mesmo dia também foi brutalmente reprimida. Centenas de vídeos e depoimentos circulavam pela internet. Como jornalistas e transeuntes comuns foram agredidos, a grande imprensa mudou o tom e começou a denunciar os exageros por parte da polícia de SP. A repercussão da repressão em São Paulo foi a gota d'água que fez despertar um sentimento de indignação e solidariedade de massas.

Algumas cidades pequenas que nunca tiveram um protesto de rua antes em sua história viram quase toda a população nas ruas naquela segunda-feira. Do Rio de Janeiro chegavam notícias de mais de um milhão de pessoas nas ruas. Em São Paulo, desde cedo o clima era de fraternidade entre as pessoas. Como se todos soubessem o que estava por vir. A imprensa falou em mais de 100 mil pessoas, mas nos parecia óbvio que era muitas vezes mais que isso.

Com as massas nas ruas, a tática da burguesia mudou. Na manifestação de São Paulo, não havia uma viatura policial sequer, nenhum policial fardado. De fato, a indignação da população era tão grande contra a PM que a multidão poderia facilmente avançar se encontrasse policiais fardados. Mas eles estavam nas ruas, aos milhares, entre os manifestantes, à paisana. E agiram para dispersar a manifestação. Disfarçados de manifestantes comuns, aos gritos sugeriam aos manifestantes para que mudassem o percurso, bifurcassem e dividissem as passeatas. Como o MPL não usa carro de som, não era possível ver nem ouvir quem estava à cabeça da passeata. Os manifestantes, no meio da multidão, simplesmente seguiam as pessoas que estavam imediatamente à sua frente. Assim, se convencesse um pequeno grupo a mudar o rumo, milhares vinham atrás de você. Isso levou a manifestação a se dividir em várias passeatas menores. Milhares de manifestantes vagaram sem objetivo por mais de 5 horas por dezenas de quilômetros em São Paulo naquela noite de segunda-feira.

Muitos voltaram para casa decepcionados naquele dia. Afinal, no início, o sentido de comunidade, fraternidade, daquelas centenas de milhares de pessoas nas ruas por uma causa comum, dava uma sensação de poder muito grande. Entretanto, nada foi feito. Outra tática usada pela burguesia, além de dividir as passeatas, foi o de insuflar a juventude contra os partidos, em particular contra os "vermelhos". Já na segunda-feira, alguns policiais infiltrados, mascarados, gritavam para que organizações de esquerda baixassem suas bandeiras, mas sem sucesso.

Já no dia seguinte (18/06), numa manifestação com cerca de 50 mil pessoas na Praça da Sé e milhares de policiais infiltrados, eram puxadas palavras de ordem como "Sem partido! Sem partido!" e "O povo unido não precisa de partido!". A juventude mais despolitizada aderiu rapidamente às palavras de ordem lançadas pelos policiais infiltrados. Diante das massas nas ruas, a tática da polícia era cessar a repressão aberta e reprimir veladamente apenas os grupos organizados, colocando as massas contra eles.

Depois de colocar as massas contra os "vermelhos", a polícia infiltrada começou a trabalhar em coordenação com grupos de extrema direita, alguns de orientação nazista que, disfarçados de manifestantes comuns, atacavam os manifestantes de esquerda, o que acirrava ainda mais os ânimos da massa de manifestantes contra os "vermelhos".



Charge do ilustrador e cartunista Henfil.

Ao contrário do que várias organizações de esquerda concluíram, isso não quer dizer que a juventude que saiu às ruas era “fascista” ou “de direita”. No fundo os jovens que começaram a participar pela primeira vez de manifestações políticas querem ter mais acesso aos serviços públicos, querem saúde, educação, transporte, lazer. E querer isso não significa ser “de direita”. Pelo contrário, são de esquerda! Mesmo que não saibam disso. Mesmo que ainda não tenham compreendido que é o sistema capitalista que os impede de ter acesso a tudo isso. Claro, pois a ideologia predominante na sociedade é a ideologia da classe dominante.

Eles concluíram que para defender seus interesses não poderiam deixar as coisas para os políticos, mas deveriam agir por si mesmos. Isso mostra um instinto revolucionário correto. Aqueles que menosprezam o movimento como “meramente espontâneo” mostram sua ignorância sobre a essência de uma revolução que é precisamente a intervenção direta das massas na política. Essa espontaneidade tem uma força enorme, mas em certo ponto poderá tornar-se uma fraqueza fatal ao movimento.

É óbvio que o movimento de massas irá necessariamente sofrer de confusão em seu estágio inicial. As massas podem apenas superar essas debilidades através da experiência prática da luta. Mas para que tenham sucesso, é absolutamente necessário passar pela confusão inicial e ingenuidade, para crescer e amadurecer, e chegar às conclusões corretas. A consciência da juventude está em disputa, e temos a vantagem de ter ao nosso lado as soluções para as suas necessidades materiais, enquanto a direita só tem a oferecer mais capitalismo e sofrimento.

O período atual às vésperas de junho de 2014

A consciência se materializa em organização. Se não consegue se materializar em organização, acaba refluindo. Grande parte da consciência da juventude que despertou em junho acabou refluindo com esses desenvolvimentos desastrosos. Mas muitos continuaram querendo mudar as coisas, mudar o mundo, porém não sabem como e não têm ilusões de que seja possível fazê-lo através da política institucional e dos partidos tradicionais. São jovens entre 15 e 24 anos de idade que não viveram a época em que o PT encabeçou grandes lutas da classe trabalhadora. Só conhecem o PT que trai sua classe. Para eles, todos os partidos são iguais. E, uma parte dos jovens mais radicalizados, que fez experiência com MPL, Anonymous e nada lhe serviu, acabou aderindo aos blocos de anarquistas: os Black Blocs.

Mas os Black Blocs que atacam a polícia e os “símbolos do capitalismo” não têm programa, só expressam o ódio pelo sistema – o que é justo –, mas não levantam reivindicações e não conseguem oferecer a perspectiva política que esses jovens buscam. É isso que explica porque que, mesmo com a repercussão da combatividade dos Black Blocs, eles não conquistam adesão de massas. O jovem que quer mudar as coisas se pergunta com razão: “De que serve quebrar as coisas e enfrentar a polícia se não estamos reivindicando nada? Somos reprimidos e tudo continua igual!” A juventude que despertou ainda não consegue se identificar com nada que está posto e levará algum tempo para que se encontre e construa suas próprias formas de organização e sua plataforma política.

O fenômeno dos Black Blocs ajuda o Estado a “legitimar” a repressão, que recai não só sobre os Black Blocs, mas sobre todos que queiram se manifestar. E sem as massas nas ruas, a tática da polícia voltou a ser a da repressão aberta.

Leia matéria na íntegra no site: <http://www.marxismo.org.br/content/de-junho-junho-o-que-jornadas-de-2013-nos-ensinam-para-2014>

MOVIMENTO ESCAMBO

Cenopoesia: arte e utopia animando resistências para além da crise do capital

Maria Josevânia Dantas²⁶

Arte e transformação

Evocando os ensinamentos de Paulo Freire, reiteramos seu pensamento sobre uma ação cultural para a liberdade, na qual examina a realidade a partir da tomada de consciência dos oprimidos sobre sua dramaticidade cotidiana referendada por uma práxis dialógica, histórica e social para pronunciar a sua libertação.

“Somente na medida em que assumo totalmente minha responsabilidade no jogo desta tensão dramática é que me faço presença consciente no mundo. Como tal, não posso aceitar ser mero espectador, mas, pelo contrário, devo buscar meu lugar, o mais humilde, o mais mínimo que seja, no processo de transformação do mundo.” (FREIRE, 1982, p. 114)

A arte no bojo dessas tensões dramáticas do cotidiano tem importante função social: a de sensibilizar, provocar e instigar os seres humanos sobre sua condição humana, apontando novos referenciais e novas práticas sociais para uma vida coletiva humanamente melhor. Passo que se dá ao assumir a arte como expressão de resistência, do recriar para resistir; do se fazer linguagem de denúncia, anunciando possibilidades para novos tempos; da capacidade de reestabelecer ânimo à causa que às vezes parece invencível; e da competência em penetrar no profundo do ser para lhe dizer que pode renascer das cinzas.

Resistência, utopia e arte

É visível o surgimento e a heterogeneidade de grupos e organizações que se formam no seio da sociedade civil como forma de defesa e de resistência à larga cadeia de opressão neoliberal. Estes grupos têm protagonizado novas formas de organização social a partir da demanda de necessidades e de direitos específicos. Tal multiplicidade de expressões tem provocado a diminuição ou o desaparecimento drástico dos movimentos sociais clássicos, que estão sendo substituídos por novas formas de organização social, ligadas muito mais a interesses temáticos específicos do que a amplas bandeiras de lutas ideológicas. (NAHMÍAS, 2006)

Segundo Brandão, (2006, p.256 e 258) estamos diante de uma “neomilitância”. Ele acena que estes movimentos convergem para um ideal de ruptura das desigualdades e de afirmação das diferenças culturais “onde cada vez mais as ‘questões de classe’ dissolvem-se em problemas de diferenças étnicas, culturais.” A diversificação de diferentes expressões dos movimentos sociais promulga originalidade nos seus processos criativos de resistência por eles terem como base suas próprias experiências, o que genuinamente afirma suas identidades, de modo muito mais “reflexivos do que apenas reflexo”.

Retomando as leituras de Houtart (2001), estamos vivenciando um processo mundial de multiplicação de diferentes frentes de resistência em virtude do crescimento do número de vítimas coletivas que estão a sentir os efeitos desastrosos do sistema econômico mundial. Essas frentes de resistência vão se formando ao passo que realidades concretas sofrem interferências diretas tanto da relação capital/trabalho quanto das que indiretamente estão sob os efeitos desta. Estas realidades são influenciadas por um contexto em que se alastra o aumento da pobreza, dos preços dos alimentos, do desemprego, do subemprego, das relações de exploração, da destruição e privatização das riquezas ecológicas, dos preconceitos relativos a questões de classe, gênero, sexo, etnias, destruição de culturas e de tradições culturais, entre inúmeras outras que suscitam o surgimento de grupos, organizações e movimentos sociais em defesa de diferentes causas.

A principal questão colocada pelo autor é que, embora todas essas frentes de resistência sejam expressões louváveis da sociedade civil *de baixo*, elas estão paradoxalmente fragmentadas. Cada uma busca “na reestruturação cultural uma solução para os seus problemas” de forma isolada ou localizada. Para Houtart (Ibidem, p. 97), as alternativas para a convergência destas resistências estão por ser coletivamente construídas. Contudo, abaliza que o fio condutor para a construção destas alternativas é o da “utopia”, que se apresenta como projeto mobilizador, que inclui tanto uma dimensão ética quanto uma base plural.

Pensar a utopia enquanto elo fecundamente convergente entre os diferentes movimentos sociais, entre as múltiplas formas de resistência, significa reafirmar a utopia como a essência do imaginário coletivo que faz mover a luta. Nesses termos, corroboramos Leis R., quando retoma a discussão da utopia no contexto neoliberal como desafio essencial. Ele explicita:

“A ordem atual quer enterrar a utopia usando golpes de mercado e ofensivas neoliberais. A utopia não é a distração, nem a fantasia, nem os espelhismos nos quais se embrenham os socialistas utópicos; ao contrário, a utopia é concreta, factível e historicamente viável, geradora de ações possíveis e, ao mesmo tempo, janela aberta de par em par a novas utopias.” (p.68)

²⁶ Maria Josevânia Dantas - pedagoga, especialista em Gestão Educacional e mestranda em Educação na UFPB. Atriz, bailarina e cenopoeta.

A utopia, enquanto horizonte histórico que move o caminhar, aparece promissora quando da necessidade de convergência das diferentes frentes de resistência. Talvez esse contexto contraditório nos leve a superar as diferenças vocacionais que cada pessoa, grupo ou movimento expressa e defende em nome do ideal possível de uma nova sociedade.

Dessa prerrogativa nos diz Freire, “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.” (1992, p. 91) Precisamos reavivar *nossa capacidade ontológica de sonhar*, reativar conscientemente nossos corpos para sonhar o *sonho possível*. Acreditamos que são os sonhos possíveis, as utopias que irão reanimar os desesperançados, os que tiveram seus “sonhos rasgados, mas não desfeitos” (Idem, ibidem, p. 35) Deste modo, a utopia se faz espaço de acolhimento das diferenças, das resistências, do caminhar dinâmico dos que se solidarizam no protagonismo de transformar o mundo.

Nesse sentido, a arte enquanto expressão de linguagem universal pode trazer grandes contribuições num processo de reanimação das utopias, articulando o diálogo entre as diferentes frentes de resistência. A arte se coloca, assim, como ato de criação, de humanização, de diálogo para problematizar, pronunciar e transformar o mundo. Portanto, uma arte ancorada no diálogo só acontece numa relação horizontal, sem que a palavra de um se sobreponha à do outro. Deste modo, a arte que se faz possibilidade de diálogo, de artisticidade de todos, é a mesma que busca compreender os sujeitos em todas as suas dimensões, em sua integralidade e em todos os seus humanos territórios.

A arte, enquanto extensão humana da vida, está vinculada aos sentidos, às linguagens, ao simbólico, ao manifesto; e se concentra dualmente entre a seriedade e a brincadeira, na sua capacidade de nos fazer pensar pelo choro ou pelo riso, pela veracidade ou pela ironia. Uma arte sempre em desafios, que labora suas performances recorrendo tanto ao real, como ao fictício, nos colocando de frente à vida como ela é, mas também como gostaríamos que fosse. Destarte, utopia e arte muito têm em comum, ambas são impulsionadoras, nos levam adiante.



Movimento Escambo Teatral Livre de Rua. Foto de Augusto Paiva.

Em 2009, a 4ª Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas homenageou o Movimento Escambo.

O Movimento Escambo Teatral Livre de Rua, está pelas ruas do nosso país desde 1991, um movimento de irradiação cultural, que reúne grupos de teatro de rua, dança, capoeira, artistas plásticos e visuais, poetas, músicos e artistas populares dos Estados do **Rio Grande do Norte, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Pará, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e do Ceará**, com o intuito de socializar suas experiências artísticas, culturais, políticas e comunitárias em “uma experiência coletiva de mobilização e organização social e de atuação política regional e local”. Um espaço livre de produção de conhecimento, inclusão social e de inserção do cidadão comum.

Vem aí a 9ª Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas
de 03 à 07 de dezembro de 2014!

CARTA PÚBLICA DOS TRABALHADORES DA CULTURA DE CAMPO GRANDE

Após mais de duas décadas de tentativas de recolocar a ARTE & CULTURA como política pública para Campo Grande ser saudável e humanizada, declaramos óbito para que:

- O TEATRO DO PAÇO MUNICIPAL “OTÁVIO GUIZZO” cumpra a função para a qual ele foi concebido: Local onde se apresentam as manifestações culturais da nossa capital.
- O orçamento de 1% e o Plano Municipal de Cultura seja implementado e que as prestações de contas sejam públicas e transparentes.
- O FMIC e Fomteatro sejam pagos sem atraso.
- O Art.19, inc.I da Constituição sobre o Estado laico seja respeitado e o município não use dinheiro público para promoção religiosa.
- Os espaços públicos sejam cuidados como equipamento cultural e nossas praças se tornem espaço de convívio com arte e cultura.

Tendo em vista que, todas estas tentativas foram em vão. Como em vão temos endereçado ofícios, solicitações e outros tantos documentos que devem estar juntos com outros tantos sem importância que hoje abarrotam o espaço do Paço que virou D E P Ó S I T O de todos os entulhos que a população inocentemente encaminha a esse órgão público.

Em vão temos comparecido a encontros e/ou reuniões, nas quais pretendem tratar-nos como marionetes, vaquinhas de presépio, figurantes, que estão aí e devem obedecer e só se manifestarem quando a “claque” acenar que é hora de sorrir, de aplaudir, de posar para o próximo artigo jornalístico, que contará as maravilhas que estão acontecendo no “Reino de A-vilão”.

Esta é a prática destas senhoras; a de considerar os cidadãos em geral e os artistas em especial, como seres acéfalos, divertidos e coniventes: isto, senhorês, não se presta a nós.

Apesar de tudo, esperamos por mais de duas décadas com a ingênua esperança de ver que pelo menos um(a) destas senhoras atuassem com seriedade; se pelo menos um deles tivesse se conduzido com a seriedade e o compromisso que o cargo, a função que exercem, requer, pois TODOS! Prefeito, secretário, assessores, e/ou presidentes são funcionários escolhidos por nós; o povo e, como tal, devem prestar contas, respostas e resultados a nós que somos seus chefes /patrões.

Mas neste feudo, a história vem sendo construída às avessas, estas senhoras se portam com arrogância, prepotência, CINISMO! Donos vitalícios do Poder? N Ã O!!

Fim do Prólogo! Primeira e única cena.

E é com profundo pesar que comunicamos também, que todas as panaceias e placebos (declarações irresponsáveis, mentirosas, desrespeitosas violentas e até debochadas) aplicados até hoje, perderam seu prazo de validade.

Agora só nos cumpre dizer aos cidadãos desta nossa bela e querida cidade Morena, que a CULTURA está na UTI! Se não tomarmos providências urgentes, ele entrará em Coma, sim!

Cabe a você cidadão, a nós artistas unir-nos:

Para que o TEATRO DO PAÇO “OTÁVIO GUIZZO” DEIXE DE SER O LIXÃO DA PREFEITURA, o arquivo morto.

Para que a ARTE e a CULTURA NÃO MORRAM.

Para que o POVO tenha ARTE & CULTURA como DIREITO

A G O R A M E S M O !!

Trabalhadores da Cultura de Campo Grande

Colegiado Setorial de Teatro

Rede Brasileira de Teatro de Rua – Campo Grande/MS

2014



V Feira de Arte Pública/ Jardim Julieta/Grupo Filhos de N'Zambi/2014. Foto de Julio Leão.

TEATRO DE FEIRA! TEATRO NA FEIRA! E ATÉ FEIRA DE TEATRO!

Feira de Arte pública

Tiago Cintra²⁷

Teatro de graça, teatro na praça!

Feira, segundo o dicionário, é um mercado público onde se comercializa em dias ou épocas determinadas; um evento público onde se reúnem artigos para venda, exposição e troca. Para nós, do Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo, é muito mais. Apropriando-se do conceito de *público*, no seu sentido maior, realizamos um espaço onde são apresentadas outras formas de entretenimento e cultura, diferentes das que já estão postas. Um local onde várias vertentes de arte são levadas à rua, de forma gratuita. A discussão interessa a todos e o debate é livre, feito em roda e festa. A exposição é daqueles que vão dispostos a mostrar o que sabem fazer de melhor. Um mercado onde não se compra e não se vende – se trocam experiências.

A feira livre é datada de muitos anos antes de Cristo, onde mercadores de várias regiões se faziam presentes em locais para trocar seus produtos, tornando assim um espaço de miscelânea cultural. Hoje encontramos uma diversidade enorme de feiras, cada uma em seu aspecto particular, na sua maioria com o princípio básico da troca por dinheiro.

Porém, não é com este pensamento que surgem as feiras de arte pública. Muito pelo contrário!

Ao se pensar publicamente, cria-se exatamente o oposto do que está estabelecido pelo sistema que vivemos hoje. Pensar publicamente é um ato de dispor a todos, sem distinção (principalmente de classe social), tudo que estes cidadãos têm direito, neste caso, Arte.

“A ‘Arte Pública’ é um grande exercício de cidadania, uma interferência na vida pública. O fazimento artístico nos ajuda a compreender o mundo além do que se vive. É um retorno garantido para população, é democrático e inclui. É uma política de dentro para fora, de baixo para cima. A arte e a cultura são direitos de todos os cidadãos” - diz a “Grande Cia. Brasileira de Mysterios e Novidades”, do Rio de Janeiro, uma das pensantes deste fazer, onde a feira é aberta para todos aqueles que se sentirem convidados

As ações tiveram como proposta atuar na época das festas populares que já estão no cotidiano das pessoas e utilizá-las a nosso favor, teatralizando e intervindo com temas que dificilmente poderiam ser discutidos na rua na forma convencional. Vivenciando na prática, no rito, aquilo que propomos como um novo olhar para as artes, estimulando pelos brincantes a discussão de suas próprias questões. Recebendo em um espaço público manifestações artísticas, obras públicas que resistem ao fluxo do capital, trocamos saberes e aprendizagem relacionados diretamente ao dia a dia da comunidade.

²⁷ Tiago Cintra: ator, integrante do Núcleo Pavanelli, articulador da RBTR e MTR-SP.

Resignificar é uma construção!

Praça Carlos Koseritz, Jardim Julieta, Zona Norte de São Paulo. Sua feira livre é muito frequentada pela comunidade, e há um fluxo intenso de passantes aos domingos. Desde 2009 é um ponto de ocupação permanente onde o Núcleo Pavanelli se faz presente na atuação de peças, mostras e parcerias. Com o passar do tempo e a continuidade do trabalho desenvolvido neste local, hoje no processo de resignificação, os moradores deste bairro periférico já se familiarizam com as ações culturais ali levadas. Sendo esse um espaço de construção, as feiras de arte pública e ciência não teriam local melhor para ocorrer senão a própria praça da feira, que hoje também é conhecida como ‘a praça do teatro’, um espaço público de arte e debate em crescimento.

Também conosco se faz presente o Centro Independente de Cultura Alternativa e Social, mais conhecido como CICAS, localizado no mesmo bairro, e que tem a mesma ânsia de ver a transformação local. O CICAS é um local ocupado pela juventude da Zona Norte desde 2008. Esse grupo transformou o galpão que antes servia de depósito de lixo, ponto de prostituição e uso de drogas em um centro cultural onde os moradores da região têm acesso à arte e à cultura por meio de aulas e oficinas, shows e mostras de fotografia, cinema, danças e esportes. Um grande aliado e parceiro em todas as atividades do Núcleo Pavanelli no Jardim Julieta.

‘Participar dos debates e das questões sociais e humanas e desenvolver modos onde isso pode ser distribuído ao nosso público é fundamental para crescermos como artistas e cidadãos’

Ao aprofundar nossa interação com a cidade de São Paulo, descobrimos no caminhar outros tantos modos de interagir com sua população e também com aqueles que pensam nisso. Trouxemos de vários cantos os amigos que também lutam dia a dia pela formação de um debate verdadeiramente público e resistem de inúmeras maneiras ao sistema no qual estamos inseridos.

Os temas que escolhemos para cada feira são relacionados à pesquisa do grupo e diretamente ligados ao cotidiano da comunidade, como a saúde, a cultura e as políticas públicas para todos os cidadãos. Na praça, discutimos, por exemplo, sobre uma nova possibilidade de cuidado mental que vem sendo desenvolvida no Rio de Janeiro pelo médico e ator Vitor Pordeus, que tem grande experiência em saúde comunitária e tratamento psiquiátrico, que luta e questiona o modelo já posto nos dias de hoje. A conversa foi tão proveitosa que ele voltou em mais uma edição da Feira, trazendo propostas novas de discussão e interação com as pessoas ali presentes.

Dezembro foi preenchido por reflexões e risadas com o ‘Alto dos Palhaços’, dos parceiros de Santos/SP, a Trupe Olho da Rua, que com sua atuação trouxe o pensamento crítico junto aos personagens míticos do Natal.

Durante o período de festas carnavalescas realizamos nosso ‘Grito de Carnaval’ do bloco ‘Sol Do Si Mi Ré Lá’, com os integrantes do grupo Buraco d’Oráculo e de todos aqueles que se sentiram convidados a soltar da garganta suas aflições e inquietações. Uma semana antes deste carnaval periférico, tivemos a realização da oficina de Samba Caipira no CICAS, ministrada por Luiz Bastos, companheiro e professor dos ritmos populares.

Nas festas juninas, a grande quadrilha de perna de pau, onde num cortejo os convidados do casamento da roça, personagens populares dessa história clássica, deram seus ‘alôs’ nas ruas da periferia.

Ao pesquisar grupos de cultura popular do estado de São Paulo, tivemos a iniciativa de levá-los às Feiras de Arte Pública e Ciência. Assim, também publicizamos nossas vivências com os fazedores de jongo, catira, samba caipira, congada, e outras manifestações populares que fazem parte do nosso estado e que reforçam a importância de permanecer na resistência para que elas sejam sempre preservadas. Com bailes populares, apresentações e cortejos pelas ruas e vielas da Zona Norte, junto com os moradores, tocamos todos estes ritmos e sons, chamando os que passavam para fazer parte dessa comuna a céu aberto – uma comunhão da reflexão e da festa popular.

Tiveram também as participações do indígena Keã, da etnia *Huni Kui*, e do ator e agente do IBAMA Juliano Espinho, de Rio Branco/AC, expondo as questões indígenas para o debate, onde trocamos saberes da cidade e da floresta, que precisam ser observadas e cuidadas com respeito, onde a ancestralidade habita e se manifesta culturalmente em suas danças e ritos indígenas.

Dentre tantas atrações realizadas, o Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo, em constante pesquisa e crescimento, achou neste modo de realização uma maneira eficiente de levar o conhecimento, a discussão, a inquietação, e também a arte verdadeiramente pública para a população que tanto precisa e é pouco atendida em suas necessidades.

Depois de tantas idealizações, estruturarmos as feiras, organizarmos e, principalmente, atuarmos diretamente no fazer e discutir da arte pública, temos a certeza de que a rua é o espaço fértil das novas construções e pensamentos públicos, pois dialogamos diretamente com a classe que necessita das transformações, que pede em suas ações a cultura, a educação, a saúde dignas. Que traz em seus ancestrais o novo pensamento feito por todos, e para todos.



I Feira de Arte Pública/ Jardim Julieta/Grupo Veteranos de Catira Martins/2013. Foto de Julio Leão.

A Feira de Teatro de Rua de Sorocaba

Nativos Terra Rasgada

Idealizada a partir da Feira de Mueres, maior evento comercial do país durante os séculos XVIII e XIX, a Feira de Teatro de Rua propõe a retomada destas festividades tão importantes para a formação cultural de nossa região, resgatando tradições que hoje estão deslocadas do pensamento popular sorocabano.

A Feira de Teatro de Rua está para o popular, moradores da região de Sorocaba, como a “Feira Mueres” estava para os comerciantes e tropeiros participantes do evento; sendo a troca o grande objeto de desejo de ambas as partes, mas, se outrora o escambo era material, hoje será artístico, se outrora vinham tropas, hoje serão artistas, que ocuparão as praças e ruas de Sorocaba, Votorantim e Mairinque durante uma semana, retomando as festividades e inserindo o teatro, como tradição cultural, no convívio do popular.

A realização de uma mostra que enfatiza as práticas do teatro de rua está ligada ao projeto de descentralização e popularização do teatro, proposto e trabalhado pelo grupo teatral Nativos Terra Rasgada desde 2003, quando foi fundado.

O grande objetivo do Nativos com a Feira é proporcionar, por intermédio da diversidade da produção teatral de rua do Brasil, a possibilidade do contato público com manifestações culturais, artísticas, populares, expressões de naturezas distintas, mas confluentes pelo espaço de encenação, a rua. Acreditamos na poesia, no não concreto, no acidental, imprevisto, insolúvel, no homem e suas possibilidades expressivas. Acreditamos no sensível, na possibilidade de identificação pela multiplicidade e por isso propomos apresentações diversas e plurais em locais e horários distintos sem segregação ou restrição para os que se expressam ou para os que confidenciam, isso é o que pretende a Feira de Teatro de Rua.

Os grandes obstáculos encontrados para sua realização são os mesmos de sempre... Falta de apoio do poder público local, desinteresse de instituições privadas e do terceiro setor. Enfim,



Feira de Teatro de Rua de Sorocaba. Foto de Juliana Prestes.

uma atividade cultural não massificante e que por isso não desperta o interesse dos detentores de recursos financeiros. Ao pleitear editais, enfrentamos problemas maiores ainda. Como um grupo de teatro de rua do interior do estado, com produção quase que amadora por conta das dificuldades apresentadas, concorreremos com produtores profissionais da capital e regiões metropolitanas acostumados a lidar com recursos da mesma natureza e outros que nem imaginamos. Costumamos ficar de fora.

Sem apoio local e sem edital, realizar a Feira de Teatro de Rua só se torna possível pelas parcerias instituídas entre o Nativos e as dezenas de grupos de teatro de rua do Brasil, integrantes do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo – MTR, Rede Brasileira de Teatro de Rua – RBTR e outros movimentos autônomos e independentes do país.

A militância mantém viva a Feira e contribui para o fomento do teatro e a ampliação desta ação. Assim, deixa de ser do Nativos o desejo de descentralizar e popularizar e passa a ser de todos os que se apresentam, que contribuem, caminhando para se tornar PÚBLICO.



O Nativos Terra Rasgada sediará o XVI Encontro da Rede Brasileira de teatro de Rua, no 1º semestre de 2015, na cidade de Sorocaba/SP.





2ª Feira Paulista de Opinião. Foto de divulgação (site Instituto Augusto Boal)

Feiras de Opinião ou Mutato Nomine de te Fabula Narratur

Thiago Reis Vasconcelos²⁸

Recentemente, a Antropofágica se dedicou a duas experiências complementares que tinham como proposta uma ligação com procedimentos de Feira. A primeira aconteceu em fevereiro de 2014 e se chamou *Segunda Feira Paulista de Opinião* ou *Primeira Feira Antropofágica de Opinião*. Neste encontro a Antropofágica reuniu 21 grupos de teatro da cidade de São Paulo para responder a pergunta: “O que pensa você do Brasil hoje?”. Esta feira foi uma homenagem e, ao mesmo tempo, um resgate da Primeira Feira Paulista de Opinião, realizada em 1968, onde essa pergunta foi lançada a diversos artistas que produziram um espetáculo contendo seis textos dramaturgicos que faziam uma análise crítica do Brasil, quatro anos após o golpe Militar.

A Antropofágica, portanto, tendo como inspiração a Primeira Feira, buscou reunir os grupos para um “esboço analítico” de conjuntura, encenada por diversos coletivos da cena contemporânea. O momento nos parecia muito oportuno, já que vemos o Brasil imerso em grandes modificações no processo político e, principalmente, em virtude do andamento de nossa Terra Brasilis.

A Feira aconteceu em dois dias, durante 16 horas de apresentações que tinham em média de 20 a 30 minutos e aconteceram no Tendal da Lapa, importante espaço público da cidade de São Paulo, localizado ao lado da linha do trem e do terminal de ônibus. A escolha deste espaço se deu por duas razões: pelo histórico de atividades da Antropofágica no espaço (desde 2006); e por ser um local de fácil acesso para quem vem de diversas partes da cidade. Sabíamos, neste processo, que a pertinência da Feira dizia respeito à cidade como um todo. A escolha de grupos buscou privilegiar os quatro cantos da cidade, de regiões centrais e periféricas, ampliando assim o número de opiniões.

A estrutura da Feira contou com barracas de alimentação, diversos espaços cênicos onde os grupos escolhiam fazer suas apresentações e um palco para as apresentações musicais. Tudo que aconteceu na Feira, inclusive a alimentação, foi gratuito, possibilitando a participação e a permanência do público por longos períodos. A Feira foi realizada com recursos advindos da Lei Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

Somados aos grupos, juntaram-se músicos, cartunistas, fotógrafos, poetas e pensadores. Outro aspecto importante da Feira foi a participação de pesquisadores e integrantes da primeira Feira de Opinião. Um encontro entre gerações para manter viva a atividade crítica através da produção artística. O texto de Augusto Boal, “O que pensa você da arte de esquerda”, trazia questões importantes que foram debatidas na sequência, em encontro de avaliação da Feira acontecida posteriormente. Neste texto, Boal faz uma análise do teatro de esquerda da época, apontando três tendências identificadas por ele como a do neorrealismo, a chamada exortativa e o tropicalismo. Após a Feira de Opinião, realizada em 2014, e o encontro de avaliação, achamos necessária a publicação da Revista *Bucho Ruminante*, que pode dar pistas mais concretas das tendências que temos no cenário hoje. Mas isso é apenas o começo de um trabalho coletivo que deve continuar em feiras vindouras e outras tantas atividades que reúnem diversos coletivos da cidade.

A segunda experiência da Antropofágica, que diz respeito a Feiras, foi o espetáculo *Mahagonny Marragoni*, inspirado no texto *Ascensão e queda da cidade de Mahagonny*, de Brecht, acontecido meses depois da Feira de Opinião Antropofágica. Nesta Feira Mahagonnyka, a Antropofágica criou dezenas de atrações em barracas, nas quais o público era convidado a participar de jogos e apresentações que revelavam aspectos contidos na peça de Brecht, aspectos esses que diziam respeito à mercantilização da vida, a formas distintas de manifestação da indústria cultural, em uma apropriação antropofágica e rapsódica do texto brechtiano. A Feira durava por volta de uma hora e consistia em primeiro ato, ao qual se seguia uma segunda parte, desenvolvida no circo (lona da UNESP, mais uma vez local público com acesso gratuito), que apresentava a trajetória de Paulo em uma cidade da diversão onde tudo é permitido: desde que se possa pagar.

Obs: O registro da Feira, bem como o programa, pode ser consultado na íntegra na Revista *Bucho Ruminante*, número 1, ou em sua versão eletrônica no site *Antropofágica.com*. Há ainda um DVD com breve edição de cada uma das apresentações da Feira.

²⁸ Thiago Reis Vasconcelos: integrante da Cia Antropofágica.



Foto de divulgação.

Teatro na Feira!

Guerras desconhecidas na Barraca de Cena.

Companhia Estudo de Cena

“Mas o trabalho do homem está
Apenas começando
E resta ao homem conquistar toda
a violência entrincheirada nos recantos
da sua paixão.”²⁹

Em 25 de janeiro de 2013 estreou, no Mercado municipal Kinjo Yamato, o espetáculo “*Guerras desconhecidas na Barraca de Cena*”, da Companhia Estudo de Cena.³⁰ Após a primeira apresentação, foram realizadas 20 outras em seis feiras livres das cinco regiões da cidade de São Paulo.

A atual pesquisa da Estudo de Cena está centrada na encenação de conflitos sociais da história do Brasil a partir do ponto de vista do presente, sendo a encenação tencionada pelas possibilidades experimentais do teatro feito na rua. No espetáculo “*Guerras desconhecidas*” nossa base é o estudo do jornalista Leonencio Nossa, reunido no caderno “*Guerras Desconhecidas do Brasil*”, publicado no Jornal Estado de São Paulo, em 19 de dezembro de 2010. Como resultado estético, não realizamos “teatro de feira” mas sim “teatro na feira”, que teve como estrutura a Barraca de Cena, um teatro mambembe de seis metros quadrados com infraestrutura de luz, som, coxias, cortina e bancos para o público.

Sobre a experiência de criação e circulação de “*Guerras desconhecidas na Barraca de Cena*”, cabe realizar três apontamentos introdutórios que nortearam o trabalho da Companhia Estudo de Cena.

1.

O trabalho foi mediado por um princípio norteador da Companhia Estudo de Cena, que é o sentimento verdadeiro de que todas e todos têm o direito à arte, seja como espectador ou como realizador. Para isso, a arte - em nosso caso, o teatro - tem que se modificar pela negativa dos pressupostos canônicos da chamada “grande arte”³¹, apreciada pela elite ilustrada (produção artística que se afastou do público por opção política), e pela negação da ideologia e estética da arte vinculada à indústria cultural nacional – que tem a televisão como modelo - e indústria cultural internacional – que segue os ditames de Hollywood, Broadway e similares.

2.

Circular com *Guerras desconhecidas na Barraca de Cena* nas feiras livres da cidade de São Paulo está menos relacionado com a possibilidade de reconstrução histórica do teatro de feira, uma

²⁹ Trecho do poema *Diário de um retorno ao país natal*, de Aimé Césaire.

³⁰ Esse trabalho foi realizado com o apoio da Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. A Companhia Estudo de Cena foi contemplada na 22ª edição do edital de Fomento ao Teatro da Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo, com o projeto BARRICADA.

³¹ Negar não é ignorar, mas, pelo contrário, é assumir como realidade.

prática cultural da Europa do século XVIII e que no Brasil ocorreu sobretudo com o teatro de Mamulengo nas feiras do Nordeste, e mais com a possibilidade de criar novos circuitos de diálogo social. O filósofo alemão Walter Benjamin, em seu texto “O autor como produtor”, diz: “sabemos que o aparelho burguês de produção e publicação pode assimilar uma surpreendente quantidade de temas revolucionários, e até mesmo propagá-los, sem colocar seriamente em risco sua própria existência e a existência da classe que o controla”. Levando em consideração este argumento, se torna altamente questionável a criação teatral crítica que alimenta o aparelho produtivo vinculado à classe patronal. No campo da circulação – de fato decisivo para o teatro anticapitalista – é preciso ampliar as possibilidades de espaços na cidade onde possam ocorrer circuitos de circulação teatral, que contribuam para desestabilizar a lógica do espetáculo teatral.³² Estar em cartaz nas feiras livres da cidade criou uma relação de intercâmbio com a classe trabalhadora que, em sua maioria, não tem - dentro de suas relações culturais - o costume de frequentar salas de teatro, seja pelo preço, pela distância, pela falta de informação e de tempo, ou pelo fato do teatro criado pela burguesia e vinculado às instituições culturais hegemônicas não estabelecer uma relação de respeito e diálogo com uma construção cultural mais diversa e popular.

3.

A criação e execução do espetáculo *Guerras desconhecidas na Barraca de Cena* combina quatro elementos aparentemente distintos: a) o tema transversal da pesquisa, que são as guerras desconhecidas do Brasil; b) a estética do teatro de feira e das diversões populares; c) a Barraca de Cena, um teatro mambembe de seis metros quadrados; d) o local de apresentação que foram as feiras livres.

Na temporada de 2013, a combinação desses quatro elementos foi encarada como um processo mutável e não como uma estrutura fixa; o espetáculo foi construído através da resignificação e influência gerada pela combinação dos quatro elementos. Em cada apresentação *Guerras desconhecidas na Barraca de Cena* teve um roteiro diferente. Se pudermos eleger um dos elementos como prioritário para pensarmos o roteiro do espetáculo, este certamente foi o local e o público da apresentação, cada feira apresentou uma dinâmica técnica, social e geográfica diferente.

A primeira temporada de *Guerras desconhecidas na Barraca de Cena* circulou nas seguintes feiras da cidade³³:

Zona Norte: Feira da COHAB Fernão Dias (Jd. Brasil)

Zona Leste: Feira da Concórdia (Brás) e Feira São Valentin (Vila Carrão)

Zona Sul: Feira do Capão Redondo (Capão Redondo)

Zona Oeste: Feira Vitorino Camilo (Barra Funda)

Centro: Feira da Consolação (Consolação)

³² Essa possibilidade se amplia se for realizada através do diálogo com outros coletivos organizados, com movimentos sociais e organismos representantes da classe trabalhadora.

³³ Para realizar o roteiro nas feiras estabelecemos uma parceria fundamental com a Supervisão Geral de Abastecimento da cidade de São Paulo, órgão que supervisiona as feiras na cidade. Através da Secretaria mapeamos as feiras que poderiam abrigar fisicamente a Barraca de Cena.



Foto de divulgação.

APOTEOSE DA ARTE PÚBLICA - Rio de Janeiro/RJ

Herculano Dias³⁴

Foram apenas três meses do Projeto Arte Pública, mas a caminhada começou bem antes, uns quatro ou cinco anos atrás, quando a recém formada Secretaria de Ordem Pública organizou a “Operação Choque de Ordem” e, com isso, a Guarda Municipal começou a coibir os artistas e grupos de rua de se apresentarem nos espaços públicos. Fomos para rua protestar com o que temos de melhor, nossa arte. Com perna de paus, bumbos, clarinetes, narizes de palhaços, bandeiras coloridas, estandartes, patins, malabares, dançando e cantando, bradávamos: **“Não somos marginais, não somos vagabundos, somos cidadãos e uma possibilidade melhor para a cidade.”**

Com esse espírito formamos; conseguimos a Lei 5.429, que nos protege e permite realizar nosso trabalho sem problemas, e criamos o Fórum de Arte Pública, onde concebemos o *Projeto Arte Pública, Uma Política em Construção*. Devido à burocracia das atuais políticas culturais, levamos dois anos para que fosse realizado, pois era um projeto idealizado nos moldes em que a Secretaria Municipal não está acostumada. Apesar de ter sido batizado de *I Festival Carioca de Arte Pública*, o projeto não trazia nenhum traço ou padrão do que entendemos como “Festival”, onde existe competição e a necessidade de julgar um trabalho dentro das normas estabelecidas em um mundo que organiza a arte. O projeto teve como objetivos achar, conhecer e conversar para que soubessem que não estavam sós e que havia uma proposta para que a arte de rua e seus agentes públicos fossem reconhecidos e respeitados pelo poder público, dialogando sobre a necessidade de políticas públicas para as artes públicas. Ao contrário de uma competição, propusemos troca de conhecimentos.

³⁴ Herculano Dias: dramaturgo, escritor, ator do Grupo Tá Na Rua e secretário do Fórum de Arte Pública.

Foram três meses apenas, passou rápido, mas foi o suficiente para termos em mãos conteúdos suficientes para apresentar para a população e para a cidade do Rio de Janeiro. Tivemos a média de 3.000 pessoas assistindo às programações e prestigiando os artistas públicos; levantamos o expressivo número de 760 artistas que atuam nos espaços abertos, entre solos e componentes de grupos, nas mais diversas expressões artísticas (teatro, música, performances, poesia, palhaçaria, circo, entre tantos), fora o número de depoimentos e relatos onde o povo opina e apoia a arte de rua.

Aprofundamos ainda mais nossa relação horizontal com o povo carioca. Pois a arte do artista público tem contato direto e horizontal com o seu público.

“A Arte Organiza o Mundo”



Foto de divulgação.

PARA MOSTRAR QUE RESISTIMOS!!

Mostra da Paz

Grupo Teatral Parlandas

São múltiplas as formas de existir na cidade, e entendemos que elas estão diretamente ligadas ao capital. Aos olhos do direito à cidade, as populações periféricas sofrem com a impossibilidade de garantir suas necessidades básicas, tais como moradia, serviço de saneamento, saúde, lazer e outros. Enquanto isso, na lógica do lucro que nunca é pouco, empreiteiras, grandes marcas e cartolas se beneficiam das regalias da sua pujança empregando a população periférica em trabalhos servis.

Não é diferente na Comunidade da Paz, porém, os holofotes estiveram voltados para esta área desde o anúncio da Copa do Mundo FIFA 2014, e a luz evidenciou a comunidade nascida a 800 metros do estádio dos corinthianos: Arena São Paulo. Mais uma ocupação ao lado da Radial Leste, perto de tantas outras que estão no curso desse rio.

Durante a 21ª edição do Fomento ao Teatro, o Grupo Teatral Parlandas teve a possibilidade de estar mais próximo da Comunidade da Paz, acompanhando os processos da luta por moradia e podendo participar do seu cotidiano, realizando atividades em oficinas abertas para os moradores.

As interações e trocas criaram relações e redes de apoio. Começamos na entrada da comunidade, depois tinha a garagem da casa do seu Pedro, tinha a quadra, as crianças vieram, “quem são esses que estão fazendo teatro no meu quintal?” Junto com esse trabalho eram muito concretos os problemas, a situação da comunidade, os moradores e suas histórias, e todos nós nos envolvemos com a realidade e permitimos que aquele cotidiano influenciasse em nossa pesquisa e vivência. Afinal, pra além de atores ou pesquisadores, éramos sujeitos percebendo nosso entorno e tentando minimamente compartilhar o que tínhamos.

A Mostra pela Paz, de diversas formas, materializava o teatro que era experimentado ali, mas, para além disso, a articulação de parceiros construiu uma ação que trouxe para a comunidade espetáculos sobre o cotidiano dos moradores, instigando o pensamento, fortalecendo as lutas pelos direitos e divertindo. Na precariedade, todo mundo se ajuda. Então o camarim é o barraco que está vazio, usa-se o banheiro da vizinha do lado e o espelho da outra, tirando o ator desta posição de ser inacessível e estreitando laços pra guarnecer as lutas.

Bom lembrar que fazemos parte da história. História concreta e em tempos difíceis. Para 27 de abril estava marcada a remoção das casas da Comunidade da Paz. Às pressas nos organizamos. Sem dinheiro, mas com parcerias, militância e equipamentos de vários grupos para iluminação, som, gerador, etc. Assim foi...

Estiveram presentes nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2013: Brava Cia., Trupe Lona Preta, Circo Teatro Palombar, As Três Marias o Sol e a Lua, Cia. Estável, Cia. Nós na Mala, Coletivo da Albertina, Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo, Chais na Mala, Grupo Teatral Parlandas e Comitê Popular da Copa. 21 de abril! E dia 27 não houve remoção. Não à toa, mas por luta e insistência, por resistência de todos que ali estavam. As relações com a comunidade se modificaram. A comunidade se fortaleceu, os grupos saíram fortalecidos. Trabalhadores dali mostraram sua arte com raps e repentes. Descobertas, experiências, trocas. Arte impregnada da verdade da vida.



O Básico do Circo/ Mostra pela Paz . Foto de Cristiane Accica.



Foto de Cia. Humbalada.

Mostra Beijola

Cia. Humbalada

A Mostra Beijola surge como proposta de abrir outras perspectivas e possibilidades de compartilhar e fazer arte no extremo da Zona Sul de São Paulo. Em 2009, contemplada pela Lei de Fomento ao Teatro, a Cia. Humbalada verticaliza suas pesquisas sobre o teatro, a comédia e a rua. Assim, além da pesquisa e montagem de um espetáculo em uma praça próximo da sede do grupo, o projeto visava diversas ações culturais que permitissem um processo de construção e pesquisa sobre o teatro feito no extremo da Zona Sul e na cidade de São Paulo. Surge assim, em 2010, a 1ª Mostra Beijola.

João Beijola da Silva, um antigo morador e militante da região do Jardim Primavera, deu nome não apenas à praça, mas a uma ação cultural que se encontra já na sua 4ª edição e já contou com a participação de cerca de 20 grupos da cidade de São Paulo.

Desde seu surgimento, a Cia. Humbalada sempre compreendeu a importância e a potência de uma ação cultural, pois entendemos que esta é uma maneira de pesquisar e investigar artisticamente nosso bairro. Ela não é uma ação isolada, ela faz parte de um processo, ela acontece e se dá através de um âmbito público, onde o usuário, como teorizou Teixeira Coelho, “use o bem cultural, integre-o em si, penetre nele”.

Durante esses quatro anos de trajetória a Mostra Beijola se manteve não apenas com verba pública destinada à cultura na cidade, mas também com a participação, apoio e parceria dos grupos e artistas culturais da cidade e do extremo da Zona Sul, que também compartilham com a Cia. Humbalada um olhar sobre a utilização e apropriação de um espaço público e a construção de uma ação cultural a longo prazo.

A Mostra Beijola começou com apresentações de grupos que pesquisam o teatro de rua, e hoje, compreendendo a rua como um espaço para infindas possibilidades de intervenções artísticas, acompanham a programação da mostra grupos e artistas com performances, danças, apresentações musicais, poesias e tudo o que estiver disposto a ter como teto o céu aberto da praça. Nessa linha de pensamento abrimos também as portas do Espaço Cultural Humbalada (sede do grupo e agora Ponto de Cultura da região), possibilitando novos horizontes e propostas para essa ação cultural, como oficinas, debates, bate-papos e rodas de conversa.

Fazemos uma mostra de arte buscando romper com as barreiras, criar fissuras no cotidiano, ir contra a corrente, sem impor, sem catequizar, alienar e controlar, buscando uma ação coletiva marginal e uma experiência estética propositiva. A Mostra Beijola é um processo de construção e entendimento do que é fazer arte nas bordas da cidade, é uma conquista e ao mesmo tempo um direito.

CENA VERMELHA

Luis Carlos Checchia

Osasco, ou simplesmente Os, é uma cidade de médio porte, cravada em uma privilegiada região da Grande São Paulo, ponto estratégico para circulação de mercadorias entre a capital e o interior do estado de São Paulo. É uma cidade que concentra muitos recursos, com o quinto maior PIB do estado e o décimo segundo do país. Mas é também uma cidade muito pobre. Ainda estamos longe de ter os recursos da cidade convertidos em serviços e estruturas que atendam a população de forma minimamente satisfatória.

A necessidade de se “ganhar a vida” criou grandes atrasos e distorções que são sentidos em vários setores da sociedade, dentre eles, a área cultural. Em decorrência disso, aqui em Os ainda caminhamos fora do compasso quando discutimos produção artística e cultura. Foi com o intuito de firmar o passo e provocar, ainda que insuficientemente, avanços no debate cultural que a Cia. Teatro dos Ventos criou a Mostra Cena Vermelha de Teatro de Rua. Militante da Rede Brasileira de Teatro de Rua (a RBTR), do Movimento de Teatro de Rua de São Paulo (o MTR-SP), e do Coletivo Arte na Pólis de Teatro de Grupo de Osasco, a Cia. Teatro dos Ventos lançou um chamamento entre os grupos que compõem o MTR-SP: “camaradas, poderiam se apresentar em Osasco, na mostra que queremos criar? Não haverá cachês, apenas transporte e alimentação!”. Ainda que pareça incrível, há muitos grupos e artistas militantes que não colocam cachês à frente da solidariedade, e toparam atender ao nosso chamamento.

Assim, por meio da solidariedade e da camaradagem nasce, em 2013, a Mostra Cena Vermelha de Teatro de Rua de Osasco. Uma mostra que reúne montagens engajadas politicamente, que fazem do teatro meio e finalidade de militância, sem, contudo, perder a ternura. Mostra Cena Vermelha teve a honra de ter recebido os seguintes grupos em 2013: Buraco d’Óráculo, Núcleo Pavanelli, ambos da cidade de São Paulo; Dramaturgia Rural, de Santana de Parnaíba; Nativos Terra Rasgada, de Sorocaba. Em 2014: Teatro Popular União e Olho Vivo, Cia. Estável (espetáculo cancelado por questões de saúde), da Capital paulista; novamente o pessoal do Dramaturgia Rural e, ainda, o Circo Teatro Rosa dos Ventos, de Presidente Prudente. Fica patente, tanto pela forma solidária como a Cena Vermelha se realiza, como pela relação de camaradagem entre aqueles que se interessam em dela participar, que a mostra, embora realizada pela Cia. Teatro dos Ventos, é uma mostra que emana tanto da

RBTR, do MTR-SP e do Arte na Pólis. Sem esses três coletivos, a Mostra Cena Vermelha seria inviável. As mostras são, seguramente, um dos pontos mais fortes do movimento nacional de teatro de rua. Tanto para quem delas participa com seus espetáculos quanto assistindo aos parceiros e parceiras, tornaram-se importante ponto de troca de ideias, de partilhas estéticas, de solidariedade e comunhão. Felizmente, há hoje um bom número (que sempre pode ser maior) de mostras de teatro de rua acontecendo pelo país. Em São Paulo, particularmente, há grandes mostras que já se tornaram referenciais, dentre elas destacamos, apenas como exemplo, a Mostra Lino Rojas, na capital, a Mostra de São Miguel, realizada pelo Buraco d’Óráculo, a Mostra do Tucuruvi, pelo Núcleo Pavanelli, e a Feira de Sorocaba, sob responsabilidade do Nativos Terra Rasgada.

Cada mostra é um importante intercâmbio, algumas muito bem estruturada e com cachês, graças a programas de financiamento público acessado por seus realizadores; outras que, como a Cena Vermelha, realizam-se unicamente por meio da solidariedade e engajamento de artistas e militantes. Mas, independentemente da forma como se realizam, cada mostra fortalece o movimento nacional de teatro de rua. Nesse sentido, há dois pontos sobre a Cena Vermelha que devem ser destacados: por um lado, ela coloca Osasco no roteiro de apresentações de muitos grupos, trazendo para a população da cidade espetáculos que dificilmente seriam vistos por ela em outras cidades.

Por outro lado, a potência da mostra e a presença de parceiros e parceiras de outros grupos e companhias fortalecem o movimento de teatro de rua e de grupo na região. Não se trata de subjugar a arte à militância, nem esta àquela, mas de perceber o duplo movimento das mostras de teatro de rua: trazer ao público aquilo que nunca deveria lhe faltar, a arte, e, ainda, manter em movimento uma luta por um mundo onde a arte, bem como a saúde, educação, transporte e outros serviços básico não sejam vistos como mercadorias, mas como direitos.

Assim, nós, da Cia. Teatro dos Ventos, acreditamos que a Mostra Cena Vermelha de Teatro de Rua de Osasco tem se convertido numa importante ação de arte e luta e uma verdadeira troca solidária entre pessoas engajadas. Recém encerrada a segunda edição da Mostra, já nos preparamos para a edição de 2015.

Até lá!!



Foto de divulgação.



Cia. Estável no XIII Encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua em Rio Branco/AC. Área de preservação ambiental Ramal História Encantada. Agosto de 2013. Foto de divulgação.

Em algum canto de jardim

Daniela Giampietro³⁵

A poesia celebrou o Primeiro de Maio com cheiro de terra e pés de chinelo. Com calos nas mãos e criança no colo. Tinha voz de coro, pele rubra e olhos de fogo. E um sorriso largo... bonito que só...

Foi no ano de 2013, a partir de uma conversa informal entre a Companhia Estável e a Companhia Estudo de Cena, pautada pelo desejo de celebrar poética e politicamente o Dia do Trabalhador, que surgiu a Celebração Teatral Primeiro de Maio. Assim mesmo, sem grandes pretensões. A simplicidade da proposta, no entanto, trazia atrelada a si a tarefa, nada simples, de resistir ao massacre dos corpos, do imaginário e da cultura da classe trabalhadora. Trazia também a possibilidade de saber quais companheiros e companheiras desejariam e poderiam se juntar em uma comemoração coletiva digna, crítica e à altura dos homenageados. Afinal de contas, nas comemorações do Primeiro de Maio de que geralmente se têm notícias, o caráter de luta e resistência dos trabalhadores aparece cada vez mais intimidado em meio a discursos de múltiplas naturezas, sorteios de bens de consumo e shows de artistas da mídia. Não é à toa que a data também é conhecida como Dia do Trabalho. Acompanhando qualquer noticiário ou programação sobre o assunto, fica evidente o modo como os trabalhadores e sua história são, descaradamente, substituídos por pipocas, promessas e um proposital “esquecimento”.

³⁵ Daniela Giampietro: é integrante da Companhia Estável de Teatro e professora do curso de teatro infanto-juvenil da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Atualmente, participa do projeto Não Consta no Mapa do coletivo Território B. Realiza pesquisa de mestrado na Universidade Estadual Paulista.

A primeira celebração foi realizada no Arsenal da Esperança³⁶ em 2013 e contou com a participação dos coletivos: Cia. Antropofágica, Nós na Mala, Coletivo Cinefusão, Núcleo Pavanelli, Engenho Teatral e Kiwi Companhia de Teatro. Organizado pela Companhia Estável e pelo Estudo de Cena, que também apresentaram peças de seus repertórios, o evento teve um formato bastante livre, permitindo tanto a apresentação de espetáculos quanto de trechos do repertório dos grupos, além de cenas elaboradas especialmente para o evento. No entanto, a grande força do conjunto de ações se deu a partir do posicionamento político de cada companhia ali presente e da potência artística de suas obras. Sem medo dos estigmas que costumam enfrentar os que se posicionam em relação à luta de classes – no meio artístico e fora dele – a companheirada cantou o seu tempo junto aos trabalhadores do Arsenal “riscando o chão” na acirrada disputa pelo simbólico.

Tão bonita a festa, pá, que o formato foi mantido no ano seguinte. Em 2014 - desta vez contando com a Companhia Estável, Estudo de Cena e Coletivo da Albertina na organização e também na apresentação de repertório - somaram-se aos companheiros do ano anterior os coletivos Buraco d’Oráculo, Grupo Teatral Parlandas, Cia. Teatro Documentário, Núcleo de Estudos Cynematográficos e Cena livre. E mais uma vez, uma intensa demarcação dentro do território cultural colocava em cena as desastrosas consequências do sistema capitalista e o posicionamento deste grupo de artistas diante do desmonte social que a economia baseada na exploração do trabalho representa. Em todas as intervenções apresentadas na celebração – uma deliciosa maratona com aproximadamente sete horas de duração entremeada por esquetes de agitação e propaganda do repertório da Estável – a velha luta, tantas vezes colocada de escanteio e escamoteada pelas filosofias midiáticas pós-modernas, apareceu forte, clara e dignamente representada nos trabalhos dos coletivos. Isso não é pouca coisa em uma época onde um evidente rebaixamento do debate político parece não mais se adequar à ebulição dos movimentos sociais e aos protestos pelo mundo afora. Apesar de a Celebração Primeiro de Maio ter nascido com intenções bastante modestas e, talvez, não ser mais do que a materialização estética de um desejo de transformação, é interessante dialetizar a questão e imaginar que sua potência possa ter vindo da iminência de uma ruptura. De um embrião silenciosamente gestado na barbárie. De alguma semente esquecida em algum canto de jardim.

³⁶ Desde 2006, a Companhia Estável realiza residência artística neste espaço. Trata-se de um albergue, localizado no bairro da Mooça, que abriga cerca de mil e duzentos trabalhadores em situação de rua. Fundado em 1996, hoje é administrado em parceria entre o governo municipal e a ASSINDES-SP (Associações Internacionais para o Desenvolvimento)

TOMAR O BRASIL! TOMAR AS RUAS!

A violência institucionalizada pelo Estado fez mais uma vítima: a atriz, palhaça e produtora cultural Luana Barbosa. No dia 27 de junho de 2014, a jovem Lua preparava-se para comemorar seus 25 anos de idade, recém completados, quando ela e seu namorado foram abordados de forma tão equivocada quanto truculenta por uma blitz policial, na cidade de Presidente Prudente. Um disparo desnecessário, estúpido, gratuito, saiu da arma de um policial, como tantos outros, treinado para desconfiar das pessoas, para percebê-las como inimigos da lei e da ordem. Esse único disparo silenciou a voz e o sorriso de Luana.

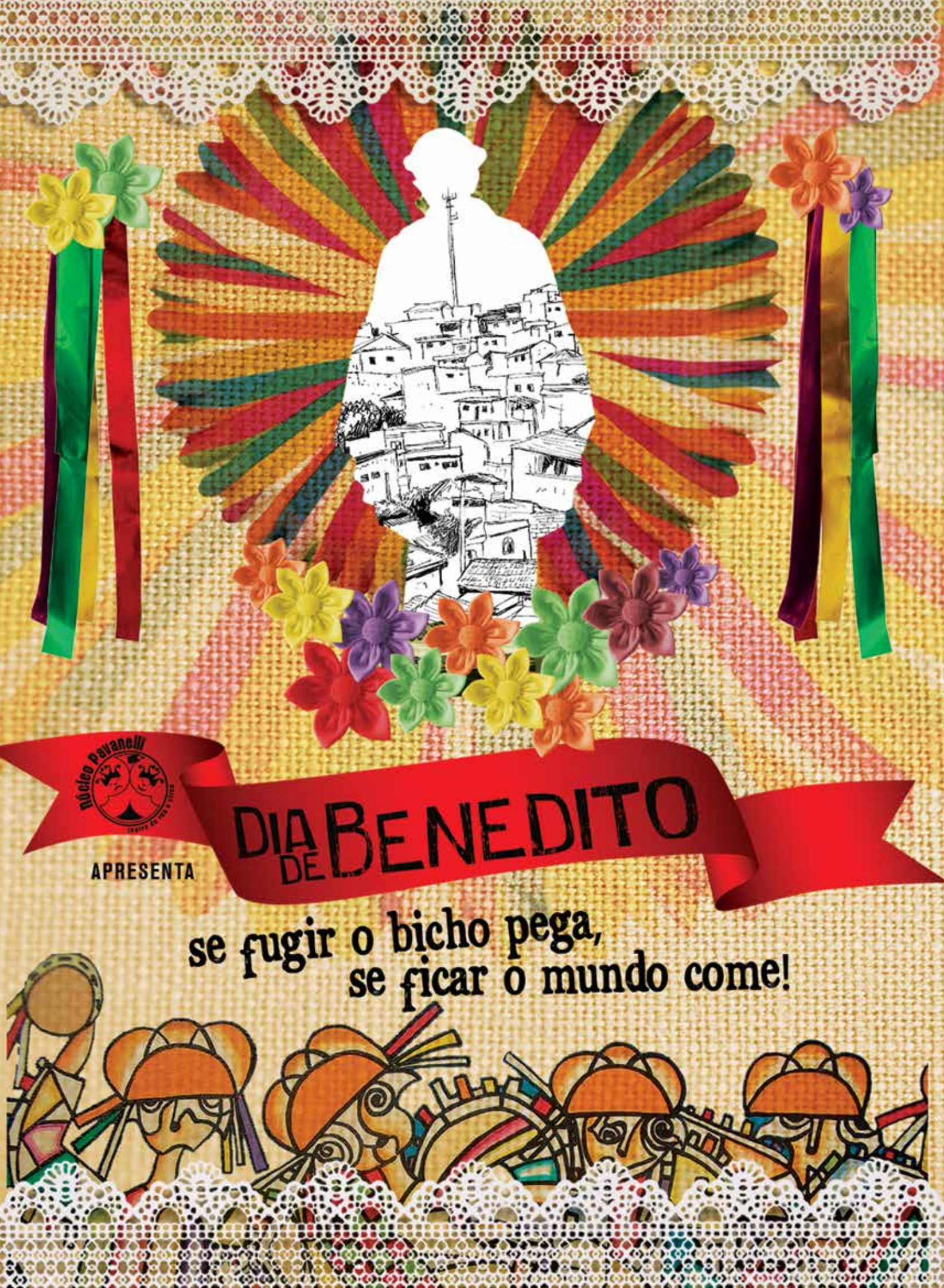
Lua Barbosa não é um caso isolado, nem uma exceção: a arbitrariedade, o total desrespeito aos direitos humanos e a violência desmedida constituem hoje o cotidiano do trato do Estado com a população. A sua corporação policial militar, desde sua formação, ainda em tempos de ditadura civil militar, mantém-se em permanente estado de guerra contra trabalhadores e trabalhadoras, contra a juventude negra, as denominadas minorias e contra as camadas mais baixas da população. A polícia militar tem atendido aos valores excludentes e preconceituosos do Estado, não poupando gastos imensos em equipamentos, armamentos e treinamentos de combate. E pelo caminho desse Estado e de sua polícia, as vítimas multiplicam-se em números de guerra, são Amarildos, Cláudias, Luanas e tantos mais que perdem suas vidas, vítimas da guerra da elite brasileira contra o povo brasileiro.

Nós, da REDE BRASILEIRA DE TEATRO DE RUA, não entraremos nessa guerra. Mas nos manifestaremos! Declaramos o dia 27 de junho como DIA NACIONAL DA TOMADA DO BRASIL! ocuparemos ruas, praças, vielas com nossa arte, com nossas vozes, com nossas músicas. Tomaremos as cidades, invadiremos seus espaços públicos, e cantaremos pela Arte Pública, pela Saúde Pública, pela Educação Pública, pelo direito à Moradia, cantaremos por um país que respeite a dimensão da convivência pública e pacífica, pelo direito à diversidade e pela justiça social, política e econômica. Tomaremos nossas cidades, com arte, com música, com dança, com loucura, com afeto, com tambores, com liberdade, com bandeiras, com gritos, com festa, com troca e teatro.

Pelos espaços públicos!

Pelas artes públicas!

Por cidades mais públicas!



**Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua
Rubens Brito - 2013/2014**

Coordenação geral: Marcos Pavanelli e Simone Brites Pavanelli

Coordenação de pesquisa e dramaturgia: Calixto de Inhamuns

Núcleo de atuação e criação: Beatriz Barros, Jéssica Duran, Lucas Branco, Marcelo Roy, Mizael Alves, Otávio Correia, Sabrina Motta e Tiago Cintra.

Direção: Marcos Pavanelli

Assistente de direção: Simone Brites Pavanelli

Direção musical: Charles Raszl

Assistentes de Direção Musical: Otávio Correia e Mizael Alves

Percussão: Luiz Bastos

Desenho de som: Otávio Correia

Danças Brasileiras: Karla Magalhães

Palestrantes convidados do CPTR: Luiz Carlos Checchia, Luiz Scapi, Juliano Espinho, Keã e Vitor Pordeus

Figurinos: Marcio Rodrigues e Cleydson Catarina

Assistentes para figurinos e adereços: Beatriz Barros e Simone Brites Pavanelli

Produção: Cristiane Accica e Simone Brites Pavanelli

Projeto Gráfico: Maurício Santana

Comunicação visual/ elaboração e manutenção do site: Sabrina Motta

Revisão das publicações do CPTR: Taiguara B. de Oliveira e Danielle E. F. Maciel

Audiovisual: Fernando Mastrocolla e Taiguara B. de Oliveira

Agradecimentos

Adailton Alves, Adriana Victorelli, Ana Maria, Andressa Ferreira, Antonio Carlos Peixoto (em memória), Augusto Brites, Babalú, Bainawá, Calixto de Inhamuns, Carlos Biaggioli, Ciléia Biaggioli, Claudia Victorelli, Daniel Gregório, Dirceu da Silva, Edson Paulo, Fabiano Lira, Irmã Miriam, Julio Leão, Juliano Espinho, Juninho Cendro, Karla Magalhães, Keã, Kelly, Laiz Corrêa, Luiz Bastos, Leonardo Carvalho, Luiz Carlos Checchia, Luiz Scapi, Marcos Brites Pavanelli, Marcelo Americano, Marcos Borges, Maria Sendro, Marisabel Lessa, M. Marry, Milton Carlos da Silva, Nai Lopes, Osmar Felipe, Osvaldo Pinheiro, Paula Barros, Priscila Pamela, Romisom Paulo, Rosa Motta Peixoto, Sancler, Selma Pavanelli, Sidney Herzog, Tatiane Aragão, Thamara Fernandes, Teresa Brites, Valdelice Alves, Vitor Poeta Benevento, Vitor Pordeus

Buraco d'Oráculo, Cia Estável de Teatro, Cia Estudo de Cena, Cia de Rockocóz, Cia dos Ventos, Coletivo da Albertina, Grupo Folclórico Filhos de N'Zambi, Grupo Mistura da Raça, Grupo Sanza, Grupo Filhos da Quadra, Grupo Veteranos da Catira Martins, Tenda Paulo Freire, Trupe Olho da Rua e Trupe Lona Preta.

Igreja de São Sebastião, Escola Professor Ker Nogueira, CICAS, Coletivo Verde, Colégio Maria Paula, Colégio Luzia de Godói, Deba's Bar, GEAMADO, Grêmio Esportivo Vila Harding, UBS Jardim Romano e Restaurante Costa e Costa.

Realização



Parceria



Contato:

Simone Brites Pavanelli

(11) 96563-9248

nucleopavanelli98@gmail.com

www.nucleopavanelli.com.br

